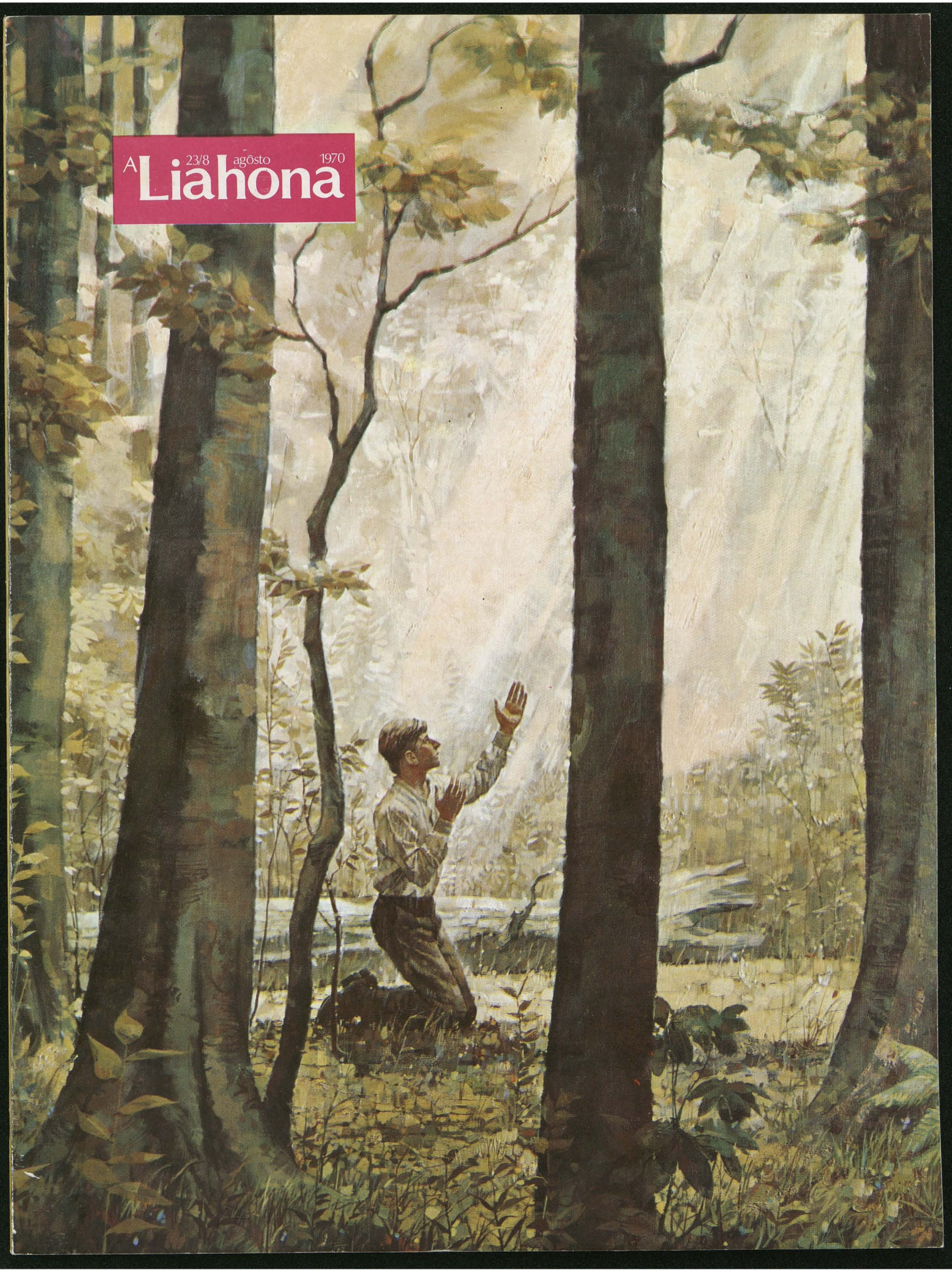

A Liahona
23/8 agôsto 1970



Mensagem de Inspiração

Delbert L. Stapley
do Conselho dos Doze

Certo homem douto a quem pediram que apontasse os três pontos cardiais que guiaram a vida dos grandes mestres de todos os tempos e que serviriam de orientação para os novos professôres, disse: "Primeiro, ensine pelo exemplo. Segundo, ensine pelo exemplo. Terceiro, ensine pelo exemplo."

Jesus Cristo, nosso Salvador, é o maior exemplo que o mundo jamais conheceu, e seus ensinamentos sobrevivem à passagem dos tempos porque os preceitos que pregou eram corroborados pelo exemplo dado por sua própria vida.

Estou íntima e plenamente convicto de que é preciso dar mais atenção à correspondência que deve haver entre os princípios, padrões e ideais do Evangelho e o exemplo pessoal, como o fêz Cristo, para que a verdade e a justiça prevaleçam neste mundo espiritual e moralmente corrompido. Não nos podemos permitir o abandono das sólidas amarras espirituais, enveredando por rumos perniciosos que nos conduzirão sòmente a uma vida depravada.

O mundo precisa de mais homens e mulheres de bom caráter moral e espiritual que se mantenham firmes, constantes e inabaláveis no cumprimento dos mandamentos do Senhor como exemplos vivos da verdade e da justiça.

O poder do exemplo demonstra sua fôrça quando homens e mulheres vivem o Evangelho. A luz do glorioso Evangelho de Jesus Cristo irradia dessas pessoas como um farol que guia seus semelhantes para os caminhos da virtude.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Delbert L. Stapley 2
Pois Assim Será Chamada... Pres. Joseph Fielding Smith 3
A MENSAGEM. Dwane J. Sykes 5
Colaboração dos Diáconos. Dorothy O. Rea 6
Nosso Nôvo Presidente. Bruce R. McConkie 8
A Espôsa de um Profeta. Eleanor Knowles 10
"PELO DOM E PODER DE DEUS". Eldon L. Haag 13
Batismo Com Autoridade. Malcolm S. Jeppsen 15
Um Dêles Sabia. Lucile C. Reading 17
Às Vêzes os Presentes Vêm Mais Cêdo. Delores Lunt Day 19
Meditações de um Diácono. Steve Barrett 21
O Presente Está Aqui — Vivam-no. Thomas Lee Monson 22
SUCESSO. John H. Vandenberg 24
"SIGAM-ME". Robert A. Baird 26
"Meu Jugo é Suave e o Meu Fardo é Leve". Alice Smith 28
A Família Fantasma. Joanne B. Doxey 30
Notícias da Igreja no Brasil. 32
"...Dois Que Estarão a Par". Richard L. Evans 40

Capa

Em abril passado comemoramos o 150.º Aniversário da Primeira Visão, experimentada pelo menino profeta, Joseph Smith, na primavera de 1820, no Estado de Nova York. Após ter ganho confiança pela leitura de "se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus..." em Tiago 1:5, o rapaz de 14 anos de idade dirigiu-se a um bosque e pôs-se a orar, buscando saber "qual de tôdas as seitas era verdadeira. A capa dêste mês reproduz uma tela de Ken Riley, largamente usada pelo Serviço de Informações da Igreja nos Centros de Visitantes de todo o mundo, que reconstitui a memorável cena.

A Liahona 23/8 agôsto 1970

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Produtor
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Iguatemí, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Redatores Regionais
R. Kent Mathews, Werner K. Spörl

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

Redatôra Regional
Wilma Bing Torgan

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Redator Regional
Walmir Silva

Missão de Construção Geral
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Gráfica Conlop, Travessa Maracatú, 27, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatôres regionais são de responsabilidade dêles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 1,00; exemplar atrazado: NCr$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



"Pois Assim Será Chamada a Minha Igreja"

Presidente Joseph Fielding Smith

O dia 6 de abril dêste ano marcou o 140.º aniversário da organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nesta dispensação da plenitude dos tempos.

As pessoas costumam perguntar por que os membros da Igreja são chamados de santos. Os santos dos últimos dias deveriam, de fato, ser tudo o que tal título sugere. Deveriam viver vidas sem pecado; viver em estrita harmonia com os princípios do Evangelho; viver segundo "tôda a palavra que sai da bôca de Deus," (Deut. 8:3; Mateus 4:4) pois assim lhes foi ordenado.

Não obstante, ao aceitarem o título de santos, não pretendem ser arrogantes, presunçosos ou hipócritas. Não foram êles que escolheram êsse nome; êste foi-lhes dado por mandamento divino. Foi o Senhor quem disse: "Pois assim será a minha igreja chamada nos últimos dias, mesmo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias." E para que os membros apreendam devidamente o sentido dêsse título, prossegue com a seguinte admoestação: "Na verdade digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja um estandarte para as nações." (D&C 115:4-5)

Adotando êsse nome, os santos dos últimos dias seguem o costume que prevalecia entre o povo de Deus em eras passadas. Os membros da Igreja nos dias de Pedro e Paulo eram denominados santos." E aconteceu que, passando Pedro por tôda a parte, veio também aos santos que habitavam em Lida." (Atos 9:32) Paulo escreveu: "Todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos: Graça e paz de Deus nosso pai, e do Senhor Jesus Cristo." (Rom. 1:7) É evidente, portanto, que os membros da Igreja hoje em dia seguem o costume de tempos antigos, pois nestes últimos dias êles são chamados por mandamento para serem "santos", membros da Igreja de Jesus Cristo.

Cento e quarenta anos! Como todos sabem, durante muitos anos tenho-me dedicado a registrar a história da Igreja. É realmente emocionante reler os relatos referentes às humildes origens da Igreja. Ela foi organizada a 6 de abril de 1830 na casa de Peter Whitmer, Sr., em Fayette, Condado de Seneca, Nova York, com seis membros: Joseph Smith, Jr., Oliver Cowdery, Hyrum Smith, Peter Whitmer, Jr., Samuel H. Smith e David Whitmer. Êstes seis, que já haviam sido batizados, o foram novamente no dia da organização.

"Após iniciarmos a reunião com uma solene oração ao Pai Celestial," escreveu o Profeta Joseph Smith, "demos prosseguimento, de acôrdo com mandamento recebido, fazendo a chamada dos irmãos a fim de confirmar se nos aceitavam como mestres nas coisas do reino de Deus, e se concordavam que prosseguíssemos e fôssemos organizados como Igreja segundo o mencionado mandamento que havíamos recebido. A estas proposições deram seu consentimento por voto unânime. Então coloquei minhas mãos sôbre a cabeça de Oliver Cowdery, ordenando-o élder da 'Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias'; após o que êle ordenou-me também um élder da mesma Igreja. Em seguida compartilhamos o pão prèviamente abençoado, como também abençoamos vinho e o tomamos com êles. Então impusemos nossas mãos sôbre todos os membros presentes da Igreja individualmente, a fim de que recebessem o dom do Espírito Santo sendo confirmados membros da Igreja de Cristo. O Espírito Santo foi derramado sôbre nós em grande profusão — alguns profetizaram, enquanto todos nós louvávamos ao Senhor e nos regozijávamos extraordinàriamente..." (Documentary-History of the Church, vol. 1, pp. 77-78)

Naquele dia o Profeta recebeu uma revelação ordenando-lhe que mantivesse registros. Esta revelação também fêz saber que Joseph Smith Jr. devia ser chamado de vidente, revelador, profeta, apóstolo de Jesus Cristo e élder da Igreja. D&C 21)

A primeira conferência da Igreja foi realizada algumas semanas depois, a 9 de junho de 1830, em Fayette, estando presentes os oficiais Joseph Smith, Jr., Oliver Cowdery, David Whitmer, Peter Whitmer e Ziba Peterson, todos êles élderes da Igreja. Nesta conferência Samuel H. Smith foi ordenado élder; Joseph Smith, Sr., Hyrum Smith e Martin Harris foram ordenados sacerdotes, e Hyrum Page e Christian Whitmer, mestres. Ao término dessa conferência havia na Igreja sete élderes ordenados — incluindo Joseph Smith e Oliver Cowdery — três sacerdotes e dois mestres. O número total de membros da Igreja era de 27.

Oliver Cowdery foi designado para guardar os registros e atas da conferência até a seguinte, realizada a 26 de setembro de 1830. Naquela ocasião foi anunciado que a congregação aumentara para 62 membros.

David Whitmer ficou encarregado dos registros da Igreja até a terceira conferência realizada em Seneca, a 2 de janeiro de 1831.

Em seguida a Igreja transferiu-se para Kirtland, Ohio, onde houve nova conferência em junho de 1831, ocasião em que foram ordenados os primeiros sumo-sacerdotes desta dispensação. Nessa conferência Edward Partridge, que já fôra chamado como bispo, escolheu como conselheiros, ou assistentes, John Corrill e Isaac Morley. Êsses três irmão formaram o primeiro bispado da Igreja.

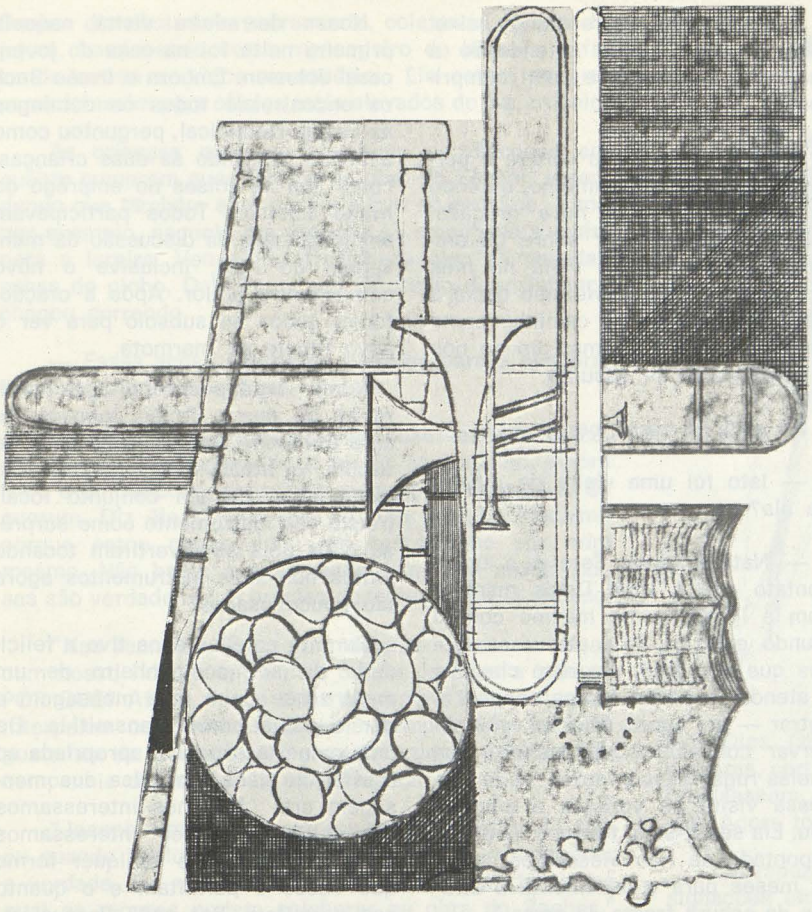
O Profeta foi apoiado e ordenado presidente do sumo-sacerdócio numa conferência realizada em Amherst, Ohio, a 25 de janeiro de 1832. No dia 18 de março de 1833, foi organizada a Primeira Presidência da Igreja, tendo Joseph Smith, Jr., como presidente, Sidney Rigdon e Frederick G. Williams como conselheiros.

Joseph Smith, Sr., foi chamado e ordenado patriarca em 18 de dezembro de 1833.

Os primeiros apóstolos e setentas desta dispensação foram ordenados em Kirtland, em fevereiro de 1835, após o retôrno do Acampamento de Sião. Os apóstolos foram escolhidos por revelação e ordenados a 14 de fevereiro de 1835, pelas três testemunhas do Livro de Mórmon; os primeiros setentas foram ordenados duas semanas depois.

A partir de então a Igreja tem-se fortalecido enormemente, a despeito das provações e dificuldades que ela e seus membros tiveram que suportar.

A todos os membros da Igreja em todo o mundo desejo dizer que esta Igreja tem uma missão divinamente designada a cumprir sob a direção e liderança de Jesus Cristo, nosso Salvador; nada poderá impedir seus planos para com ela. Espero que os santos do mundo inteiro agradeçam ao Senhor por serem membros da sua Igreja e pela missão do Profeta Joseph Smith de restaurar o Evangelho para nossa alegria e felicidade.



A MENSAGEM

Dwane J. Sykes

Numa noite de fevereiro há vários anos, o Irmão Beck foi buscar-me pela primeira vez. Tinha eu 14 anos e acabara de ser designado seu companheiro júnior no ensino familiar, ou ensino da ala, como era chamado naquela época.

Fiquei surprêso quando nossa primeira parada foi diante da casa do Sr. Weeks. Há anos que costumava passar por ali a caminho da escola, mas nunca soubera que o velho Sr. Weeks ou sua espôsa eram mórmons. Nunca os vira na capela. Passamos pela ampla entrada principal, contornamos a casa e subimos os estreitos degraus cimentados para bater na porta dos fundos.

— Boa noite, Sra. Weeks. Dispõe de uns minutos para o mestre da ala?

Acomodamo-nos na cozinha onde nos ofereceram as duas cadeiras existentes. Nas visitas seguintes sempre ficávamos sentados na cozinha. O Sr. Weeks sentava-se numa alta cadeira de madeira e sua espôsa acomodava-se num banco depois de tirar de lá e colocar no chão um grande cêsto de arame cheio de ovos frescos. Sempre havia um cêsto de ovos sôbre o banco.

Naquela primeira visita o Irmão Beck prontamente indagou o preço corrente dos ovos, e durante uns quinze minutos ficamos a discutir diversos aspectos da avicultura e da produção de ovos e depois nos despedimos. Sempre falávamos sôbre ovos com os Weeks. Às vêzes sôbre os preços, outras sôbre a aparente tendência de aumento de produção dos ovos escuros. Às vêzes falava-se das galinhas, ou de como reparar as gaiolas, ou de quando iria começar a temporada de muda. Os Weeks pareciam apreciar nossas visitas. O Irmão Beck nunca sugeria sequer uma oração. De fato, a própria Igreja era raramente mencionada, a não ser talvez uma menção fugaz ao "mestre da ala" quando chegávamos.

Certa vez observei ao Irmão Beck:

— Lá sempre falamos de ovos. O senhor é um diretor de escola, no entanto parece saber tudo sôbre a produção de ovos. O senhor tem algum interêsse especial nesse campo?

— Não, não especialmente, — replicou sorrindo, — mas interessa particularmente aos Weeks.

A segunda visita naquela primeira noite foi na casa do Irmão Clark que pertencia ao sumo-conselho. Mal acabávamos de nos sentar, o Irmão Beck arrojou-se num resumo de dois minutos da mensagem do mês, após o que êle e o Irmão Clark começaram a citar passagens da Escritura e doutrinas relativas à lição. Quase que como duelando, passaram do Sermão da Montanha a Doutrina e Convênios, da história da Igreja ao Apocalipse e à aula do Sacerdócio do último domingo, para depois voltarem ao Sermão da Montanha. Fiquei sentado de mãos cruzadas, observando-os a lançar citações de lá para cá, voltando a cabeça de um lado para outro como numa partida de tênis. Após uma meia hora, o Irmão Beck deixou uma nota sôbre a lição do próximo mês, fizemos uma oração e partimos. E assim continuou na casa dos Clark, mês após mês.

O Dr. Dwane J. Sykes, de Pleasant Grove, Utah, é atualmente diretor do Departamento de Recursos Naturais da Universidade do Alasca e é conselheiro do bispado da Ala de Fairbanks.

Naquela primeira ronda de visitas, fomos em seguida à pequena propriedade da idosa Sr. Davis. As árvores desfolhadas e as emaranhadas moitas de arbustos casavam-se perfeitamente com a velha casa de madeira sem pintura. Sem nada comentar, o Irmão Beck abriu o porta-malas do carro, tirando uma pá de neve. Curioso, segui de perto enquanto êle retirava a neve do caminho que levava à casa, arranhando audìvelmente o pavimento cimentado. Embora a neve não fôsse recente, observei que sòmente umas poucas pegadas marcavam o caminho recoberto de neve. Com o canto dos olhos notei movimentos atrás das antiquadas cortinas rendadas da janela. Apareceu uma cabeça espreitando-nos com desconfiança.

O Irmão Beck bateu com fôrça na porta. Nada. Bateu novamente. Lentamente a porta abriu-se um pouquinho, apenas para mostrar os olhos de uma pequenina senhora grisalha espreitando por cima de uns antiquados óculos.

— Irmã Davis, gostaria de apresentar-lhe meu nôvo companheiro, o Irmão Sykes. Êle é filho da Irmã LaMar, — disse o Irmão Beck falando alto e alegremente através da porta de tela.

A resposta foi um resmungo baixo. Abri a porta telada estendendo a mão para um breve e débil cumprimento.

O Irmão Beck já se voltara e percorrera metade do caminho, batendo a pá para soltar a neve grudada, quando observou por sôbre os ombros: "Voltaremos a vê-la no mês que vem. E, Irmã Davis, não deixe a neve acumular-se no caminho como desta vez. Basta chamar um de nós e cuidaremos do assunto."

De volta ao carro, perguntei:

— Isto foi uma visita de mestre da ala?

— Naturalmente. Êste é o único contato que a Irmã Davis mantém com a Igreja — ou mesmo com o mundo exterior. Nos primeiros meses que vim aqui, ela nem chegava a atender a porta. Nunca cheguei a entrar — até agora. Mas se você observar cuidadosamente debaixo daquelas rugas descontentes, veria que nossa visita na verdade a emocionou. Ela sentir-se-ia terrìvelmente desapontada se não viéssemos todos os meses para cumprimentá-la através da escura fresta da porta."

Nós nunca a desapontamos.

Nossa derradeira visita naquela primeira noite foi na casa do jovem casal Johnson. Embora o Irmão Beck os encontrasse todos os domingos na Escola Dominical, perguntou como estavam passando as duas crianças, como iam as coisas no emprêgo do Irmão Johnson. Todos participavam animadamente da discussão da mensagem do mês, inclusive o nôvo companheiro júnior. Após a oração, fomos todos ao subsolo para ver o nôvo filhote de marmota.

Numa visita posterior, após inteirar-se de que o Irmão Johnson tocara trombone durante seus anos de escola, o Irmão Beck, também ex-trombonista de um conjunto local, trouxe seu instrumento como surprêsa e os dois se divertiram tocando juntos nos seus instrumentos agora tão pouco usados.

Durante aquêles anos tive a felicidade de ser companheiro de um mestre que tinha uma mensagem a dar e sabia como transmití-la. De uma maneira especial, apropriada ao caráter de cada um, essa sua mensagem era: "Nós nos interessamos por vocês. Nós nos interessamos sinceramente — de qualquer forma que vocês o permitam e o quanto nos permitam. Por quê? Porque vocês são importantes. Êste é o motivo do nosso interêsse.

Todo Bispo depende da...

Colaboração dos Diáconos

Dorothy O. Rea

Junto com minhas irmãs, eu estava dando a primeira olhada no nosso irmãozinho recém-nascido. Como nossa família conta com mais meninas do que meninos, tentávamos recebê-los condignamente.

Uma das minhas irmãs, achando que poderíamos estragá-lo com tantos elogios, observou: "O único mal dos meninos é que não serão de muita valia na cozinha ajudando mamãe quando tôdas nós tivermos casado," ao que papai respondeu sorrindo: "Mas será de grande valia na casa do Pai."

Naquela ocasião não podíamos compreender muito bem o que papai queria dizer com isso; o sentido tornou-se claro sòmente quando meu irmão completou seus doze anos. Todos os familiares foram juntos à Escola Dominical e nosso irmão distribuiu o sacramento. Com os corações agradecidos participamos do pão e da água renovando nossas promessas ao Pai Celestial. Sabíamos que agora nosso irmão era um "ajudante na casa do Pai" como papai afirmara há tantos anos.

Quando um rapaz SUD completa 12 anos acontecem coisas maravilhosas. Poderá participar da AMM, ingressar numa tropa de Escoteiros e acima de tudo mais, está habilitado a ser ordenado diácono, caso esteja preparado. Como diácono poderá ajudar a obra do

Senhor distribuindo o sacramento, coletando ofertas de jejum, funcionando como mensageiro do bispado e fazendo outros serviços necessários. Êle estará se preparando assim para ofícios mais elevados do Sacerdócio.

As crianças menores observam os diáconos enquanto cumprem suas tarefas na obra do Senhor, aprendendo que também elas podem servir ao próximo, como por exemplo, naquele dia em que eu empilhava a lenha para a lareira. Vendo-me atrapalhada com as pesadas achas de pinho, Dale Pope, um garotinho da vizinhança chegou correndo.

— Essas achas são muito pesadas para a senhora, deixe-me ajudá-la — disse.

Estava claro que Dale estivera observando os diáconos e com êles aprendeu a servir ao próximo. Agora Dale é um diácono, exercendo o cargo de secretário do quorum. Diz êle: "Acho que ser um diácono ajuda-me porque estou conseguindo um testemunho por mim mesmo. Não basta apenas ouvir dizer que certas coisas são verdadeiras. É preciso descobri-lo por si mesmo.

"Nas reuniões do quorum debatemos essas coisas com nosso líder e entre nós. Somos levados a indagar POR QUÊ? Afinal, Jesus tinha sòmente 12 anos quando interpelou os doutores daquele tempo. Nós também gostamos de falar e fazer perguntas quando estamos em companhia dos sábios da nossa época.

"Joseph Smith não era muito mais velho do que eu quando implorou a Deus que o ajudasse a conhecer a verdade. Em virtude da sua fé temos esta Igreja na qual os rapazes podem colaborar na obra do Senhor."

Ned Bushnell, um dos amigos de Dale, também é diácono, e declarou: "Estou contente em poder ser um portador do Sacerdócio. Quando meu pai me batizou e ordenou-me diácono, tive uma sensação maravilhosa.

"Gostei muito também quando o bispo me entrevistou ao completar 12 anos. Êle conhece bastante acêrca da fé, da oração, do dízimo e do auxílio ao próximo. A gente chega a compreender que há outras pessoas além da própria família que se importam se a gente faz coisas certas ou erradas.

"Se ajudarmos os outros, isto torna nossa vida melhor. Podemos ganhar reconhecimentos individuais prestando serviços ao próximo. Nossa estaca tem uma propriedade agrícola onde cultiva frutas. Quando o bispo anuncia que precisa de ajuda, podemos colaborar na colheita ou abrir valas em tôrno das árvores para protegê-las dos ratos. Isto é bom porque podemos ajudar uns aos outros com as escadas, baldes e cestas. Estaremos ajudando nossa ala e estaca e também as pessoas que necessitam de frutas."

Brad Oakley, presidente do quorum dos diáconos, disse-nos: "Também podemos ajudar pessoas que não são membros da Igreja. Tempos atrás fomos batendo de porta em porta nas imediações da capela. Explicamos a êsses nossos semelhantes que éramos diáconos e Escoteiros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Oferecemo-nos para levar recados ou fazer compras, cortar a grama ou outra coisa qualquer de que precisassem. As pessoas ficaram contentes e surpresas. Agora todos são nossos amigos."



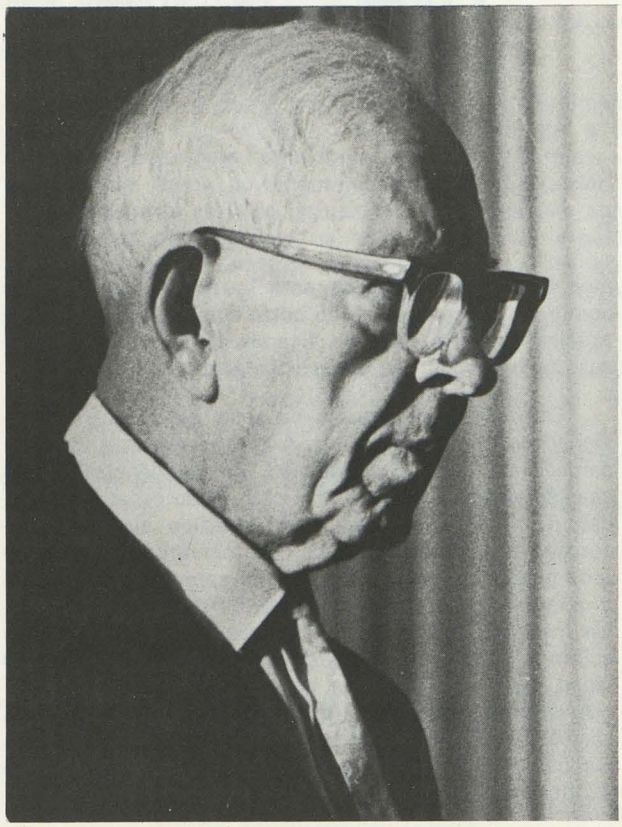
Os rapazes do quorum de certa ala fazem das designações um divertimento. A cidade em que vivem é cercada de colinas pontilhadas de residências. Certa ocasião, durante a época do Natal, cinco casas construídas nas colinas da região da referida ala foram decoradas especialmente para que membros e não-membros pudessem visitá-las a fim de apreciar a decoração e comprar bolos, doces e presentes confeccionados pelas irmãs da Sociedade de Socorro. Milhares de carros subiram pelas estreitas estradas para visitar aquelas cinco casas. Ao chegarem, os visitantes eram recebidos por diáconos que lhes indicavam onde estacionar os carros. Outros serviram de recepcionistas, dando informações e orientação, fazendo com que as pessoas se sentissem à vontade.

— Foi uma noite que nunca mais esqueceremos, — disse-nos um diácono quando terminou.

Aquêles diáconos também se lembram dos membros da ala enfêrmos ou incapazes de comparecerem à Escola Dominical ou reunião sacramental. Uma vez por mês prestam um serviço especial a essas pessoas. Um diácono e um sacerdote vão ao lar dêsses membros, preparam o sacramento a fim de que êles possam renovar seus convênios.

Claron Oakley, pai de Brad e bispo da ala, comentou: "Todo bispo depende do auxílio voluntário prestado pelos diáconos. A Igreja inteira se beneficia com a colaboração prestada por êsses ótimos rapazes que futuramente serão nossos missionários e líderes."

Joseph Fielding Smith: N



Joseph Fielding Smith
Décimo Presidente d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Bruce R. McConkie
do Primeiro Conselho dos Setenta

Pela Providência Divina são levantados líderes para guiar os destinos da Igreja segundo as necessidades daquela hora.

Todo homem que tem presidido em Israel possuía as aptidões e talentos particulares imprescindíveis na época de seu ministério.

E o chamado do Presidente Fielding Smith para trilhar a senda dos profetas obedeceu ao padrão estabelecido. Sua voz agora transmitirá as palavras e difundirá a mensagem que o Senhor reservou ao seu povo nesta hora de provações e tumultos num mundo oprimido pelo pecado.

O Presidente David O. McKay — esteio vigoroso de fôrça espiritual, majestoso líder de homens, profeta de capacidade administrativa incomum — assumiu as rédeas da presidência para expandir o trabalho missionário, multiplicar o número dos templos, correlacionar e aperfeiçoar a organização da Igreja, melhorar a imagem dela no país e no estrangeiro.

O Presidente George Albert Smith — um apóstolo do amor, um homem humilde e gentil — foi chamado para encher a Igreja de amor, para inspirar o espírito de paz e harmonia, lançar os alicerces para o progresso e conquistas do futuro.

E assim poder-se-ia retroceder até Joseph Smith de quem o próprio Deus disse: "Pois suas palavras recebereis como de minha própria bôca, em tôda paciência e fé." (D&C 21:5), e a quem a Divindade anunciou: "... esta geração receberá a minha palavra por teu intermédio." (D&C 5:10)

E agora, quanto ao Presidente Joseph Fielding Smith? Por que o Senhor o teria escolhido como presidente da Igreja? Por que, aos 93 anos de idade, terá êste homem calmo e retraído de arcar com o incrível fardo do reino? Por que o Senhor o juntou àquele grupo de irmãos eleitos cuja missão é — cada um à sua própria maneira e na hora a êle determinada — agir como porta-vozes de Deus na terra?

Não podemos antever o fim desde o princípio nem tampouco conhecer tôdas as coisas que o Senhor tem reservado para o seu povo e o mundo. Mas para aquêles capazes de reconhecer o toque divino em tôdas as coisas e que compreendem sua maneira de lidar com o homem mortal, alguns pontos parecem insofismáveis.

Nosso nôvo presidente é um mestre doutrinário, um teólogo, um profundo conhecedor das Escrituras,

n: Nosso Nôvo Presidente

um pregador da justiça no verdadeiro e pleno sentido da palavra. Há sessenta anos êle vem fazendo soar sua voz admoestadora nas estacas e missões de tôda a parte, perante os santos e o mundo.

Milhões de palavras têm surgido de sua pena — explicando, interpretando, exortando, no espírito e à maneira dos profetas antigos. Poucos livros doutrinários têm sido tão estudados como sua obra "O Caminho da Perfeição", e poucos tratados históricos tão amplamente consultados como o "Essentials in Church History".

Para os santos fiéis, a dêle tem sido uma voz de glória e honra, de paz nesta terra e vida eterna no mundo por vir.

Para os aflitos e abatidos tem sido uma voz de confôrto e paz, a voz da esperança, o convite a lembrarem-se do Senhor, a regozijarem-se na sua redenção, a visualizarem um mundo futuro melhor, um mundo sem pecado e pesar.

Tem chamado as ovelhas perdidas e desgarradas a voltarem ao rebanho, a buscarem novamente a proteção do Bom Pastor, a deixarem os ermos da dúvida e novamente nutrirem-se nas pastagens verdejantes.

Aos que buscam a verdade, de tôdas as seitas, partidos e denominações, tem exortado a que procurem o Senhor enquanto ainda é tempo, a virem a Cristo, a aceitarem o Evangelho para encontrarem gôzo e salvação com os santos.

E aos rebeldes e ímpios tem clamado à semelhança de Néfi: "Arrependei-vos e abandonai o pecado para que não pereçais".

A fim de pregar com vigor, ensinar com sabedoria, escrever com inspiração, o nosso nôvo presidente tem sido um dedicado estudioso das obras-padrão. Há muito vem estudando e ponderando contìnuamente as palavras dos profetas, buscando o mesmo espírito que os capacitou a escrever e falar segundo o pensar e a vontade do Senhor. É preciso notar que os estudos e pregação do Presidente Smith se têm restringido às doutrinas básicas, sólidas, encontradas nas Escrituras. Nunca teve interêsse por especulações acêrca dos mistérios.

Contudo o Presidente Joseph Fielding Smith não restringiu sua vida a estudar e pregar apenas. Seus estudos e erudição quanto ao Evangelho são coroados pelas boas obras, por uma vida pautada segundo a lei divina. Ninguém sabe quantos famintos alimentou, a quantos necessitados vestiu, os missionários que sustentou, nem quantos enfermos curou.

Não seria plausível que todos êsses exemplos de sua vida passada devam ser agora adotados pela Igreja como o rumo que todos nós deveremos seguir nos tempos perigosos que se anunciam?

Quando mudam os tempos é preciso também mudar as ênfases e os métodos de liderança. A Igreja atualmente avança na crista de uma vaga de progresso e expansão, que sem dúvida prosseguirá. Mas agora ser-lhe-á acrescentada a voz doutrinária e de testemunho do Presidente Smith.

Estaríamos equivocados concluindo que o que a Igreja necessita presentemente é um período de reavivamento evangélico, uma hora de reafirmação daquelas verdades que nos distinguem do mundo?

Não estaremos iniciando um período sabático de estudo do Evangelho e de refinamento espiritual sob a direção de um nôvo presidente cujo ministério o tem qualificado para proporcionar a orientação agora imprescindível?

Veremos mais uma vez o cumprimento da promessa de que as coisas fracas do mundo tornar-se-ão fortes, que o próprio Senhor cingirá seus lombos e fá-los-á lutar varonilmente pela causa dêle?

Estar-nos-á sendo pedido agora que re-entronizemos as verdades características do Evangelho, ponderemos a palavra revelada, que vivamos como santos e continuemos a levar a mensagem de salvação aos filhos de nosso Pai em tôda a parte?

Ao menos em parte, os propósitos do Senhor na reorganização da Primeira Presidência parecem claros. Mas sejam quais forem seus completos desígnios e planos, algumas coisas sabemos com absoluta certeza:

Estamos engajados na obra do Senhor; êste é o seu reino e êle o levará avante triunfalmente.

A Igreja continuará a progredir, as conversões se multiplicarão, a vida dos santos será aperfeiçoada, e o Senhor encontrará a prometida congregação de santos quando voltar.

Tudo isso — e muito mais — acontecerá sob a direção do Presidente Joseph Fielding Smith durante o tempo e a época que deverá presidir sôbre Israel.



"**Se as mulheres fôssem bondosas** para com seus esposos, os apoiassem sem resmungar, viveriam mais felizes assim como também seus maridos."

Estas palavras de Jessie Evans Smith descrevem seu casamento com o Presidente Joseph Fielding Smith, um matrimônio firmemente baseado no amor, respeito, interêsses comuns e companheirismo. Os madrugadores em Salt Lake City têm observado, emocionados, provas dêsse amor e consideração mútua: tôdas as manhãs, quando o Presidente Smith sai do seu apartamento a meio quarteirão do edifício dos escritórios da Igreja, atravessando a movimentada State Street, a Irmã Smith fica na sacada até que êle tenha atravessado a rua em segurança e se volte para acenar-lhe.

"Nunca houve homem mais bondoso ou que demonstrasse mais consideração," afirma ela.

A vida tornou-se bem mais agitada e com maiores responsabilidades para com ambos desde 23 de janeiro, quando êle foi designado o décimo presidente da Igreja, mas a Irmã Smith está disposta a não deixar que se modifique o seu modo de viver simples. Quando deixa o escritório à noite, o Presidente Smith retorna a um lar confortável embora despretencioso, repleto de lembranças das numerosas viagens dêles pelo mundo, fotografias e quadros dos familiares, inúmeros livros e mostras da perícia da Irmã Smith na confecção de trabalhos manuais — um lar onde nos sentimos imediatamente à vontade.



Jessie Evans Smith: a Espôsa de um Profeta

Eleanor Knowles
Editora Associada

Jessie Evans e Joseph Fielding Smith se conhecem há muito — "durante tôda a minha vida" como diz ela. "Nascemos na mesma ala, e quando eu era adolescente, êle era um dos nossos mestres familiares.

Não obstante, a amizade entre êles só muito mais tarde transformou-se em amor — depois de ela ter alcançado sucesso na carreira artística e êle já viajar pelo mundo como apóstolo da Igreja.

Jessie apresentou-se pùblicamente como cantora pela primeira vez aos seis anos de idade, perante uma classe de religião (precursora do atual programa de seminários) tendo escolhido para aquela ocasião o hino: "Gosto de Pensar no Senhor". (As Crianças Cantam, 23).

"Quando cheguei à frase 'Quisera também tê-lo ouvido falar e suas mãos em mim sentir,' fiquei tão comovida que desatei a chorar," ela recorda. Mais tarde um de seus irmãos recusou-se a ouvi-la cantar numa reunião da Igreja, alegando: "ela vai começar a chorar outra vez."

"Algum dia", disse o pai, "você vai ter que pagar para ouvi-la cantar!"

Ela não chorou dessa vez, mas a emoção, calor e convicção com que canta até hoje já eram evidentes. (E o irmão realmente **teve** que pagar para ouvi-la, ela recorda com um piscar de olhos. Quando excursionava com a "American Light Opera Company" — companhia de ópera ligeira — êle foi visitá-la; ela não dispunha de uma entrada, para oferecer-lhe e êle teve que comprar uma para assistir ao espetáculo).

A família Evans apreciava música e tôdas as crianças cantavam e tocavam um instrumento. Os cinco irmãos de Jessie (o sexto morreu na infância) tocavam, respectivamente violino, clarineta, violoncelo, flauta e bateria. Jessie, a caçula, tocava piano.

Em 1918, Jessie, então uma atraente jovem estenógrafa, ingressou no Côro do Tabernáculo, do qual participa até hoje — mais de meio século. Um descobridor de talentos ouviu-a cantar no Tabernáculo em 1923 num programa em honra do Presidente Warren G. Harding, resultando daí um contrato com a "American Light Opera Company".

Durante os quatro anos que excursionou com aquela companhia pelos Estados Unidos e Canadá, sempre acompanhada pela mãe, apresentou-se nos papéis principais para contralto em óperas ligeiras tais como "A Boêmia", "O Soldado de Chocolate", "O Mikado", "Robin Hood", etc.

Embora apreciasse sua carreira artística, não tinha certeza de querer continuar cantando profissionalmente durante tôda a vida. Quando um eminente professor de canto em Nova York tentou persuadí-la a preparar-se com afinco para uma audição perante a "Metropolitan Opera", orou em busca de orientação e consultou sua bênção patriarcal que dizia que "tôdas as tuas fôrças latentes devem ser dedicadas ao serviço do teu Mestre e em prol da Igreja." Sùbitamente tomou sua decisão: voltaria a Salt Lake City e devotaria seus talentos à obra do Senhor.

Tal decisão fêz com que se lhe abrissem mais oportunidades; voltou a cantar no Côro do Tabernáculo, ingressou na "Salt Lake City Civic Opera Company" (Companhia de Ópera Cívica da Cidade do Lago Salgado), cantando ainda em inúmeros funerais e programas da Igreja. ("Certa ocasião pensei em anotar todos os funerais em que cantava," recorda, "porém após dois meses decidi que como era anotado nos céus, eu não precisava fazê-lo." O registro chegou a acusar 28 funerais num único mês.)

No decorrer da década de 1930, o nome de Jessie Evans tornou-se conhecido não sòmente nos círculos artísticos, mas também nos políticos. Enquanto trabalhava no escritório do Cartório de Registro Civil decidiu candidatar-se ao cargo de juíza municipal. A eleição foi acirrada e a princípio foi declarada vencedora mas perdeu na recontagem por dez votos. Voltou ao cargo anterior, mas na eleição seguinte candidatou-se novamente e foi eleita.

Foi durante sua gestão no cargo de juíza municipal de Salt Lake que Joseph Feliding Smith, cuja espôsa falecera havia pouco, entrou novamente em sua vida, mudando-lhe o rumo uma vez mais.

"Havia um documento que precisava ser assinado pelo Historiador da Igreja," conta ela, "por isso telefonei para o escritório dêle perguntando se poderia levá-lo lá. Respondeu-me que preferia passar no meu escritório."

Naquele mesmo dia, quando ia para casa após o término do expediente, parou para conversar com um amigo.

— Joseph Fielding Smith a procurou hoje? — perguntou-me.

— Sim, realmente, — replicou. — Por que pergunta?

— Eu o vi descendo a rua, e quando passou por mim tive uma profunda impressão de que iria procurá-la para pedir que se casasse com êle!

Uns poucos meses depois Joseph Fielding Smith realmente pediu Jessie Evans em casamento, e a talentosa jovem acrescentou uma nova dimensão à sua vida. O Presidente Smith tinha 11 filhos, todos vivendo com êle naquela época, juntamente com duas crianças da sua filha mais velha, cujo marido estava então estudando longe de casa.

Até então, a mãe de Jessie se encarregara da maior parte dos trabalhos domésticos, enquanto a filha se dedicava à profissão. Mas logo Jessie Evans conseguiu organizar suas tarefas de dona de casa no espaçoso lar dos Smith, na Douglas Street.

O pão caseiro é um dos alimentos prediletos do Presidente Smith. Às quintas-feiras costuma jantar pão e leite com queijo picante.

"Meu marido não come carne," diz a Irmã Smith." Comemos muitas frutas e verduras, legumes. Nas ocasiões em que participa de almoços ou jantares no Hotel Utah, os garçons costumam servir-lhe uma salada de frutas com ricota ou sorvete."

Ela tem viajado muito com o Presidente Smith, sendo freqüentemente convidada a falar ou cantar. Muitas vêzes os dois cantam em dueto, emocionando os santos na Austrália, América do Sul, Europa, Nova York, Toronto, Los Ângeles — onde quer que se encontrem ramos e missões, alas e estacas da Igreja.

Oradora popular e bem dotada, ela tem falado em inúmeras reuniões de jovens, compartilhando seu testemunho e estimulando a juventude a manter-se ligada à Igreja e a preparar-se para o casamento no templo.

A Irmã Smith recorda o quanto sua mãe se preocupava com os jovens que convidava à sua casa. "Quando não simpatizava com determinado môço, dizia-me que desejava que não voltasse nunca mais."

"Quando eu dizia: 'Mas, mamãe, eu não pretendo casar-me com êle!', ela respondia: 'Pode ser, mas se você não lhe disser que não volte mais, eu o farei!' "

Jessie Evans Smith tem recebido grandes bênçãos por ter obedecido aos conselhos maternos, mantendo-se fiel ao seu próprio desejo de servir ao Senhor e fazer a vontade dêle. Percorreu grande parte do mundo com o marido como sua devotada companheira e auxiliar. Sua vida é rica e plena de serviço ao próximo, deleitando-os com seu grande talento. Encontrou felicidade e alegrias no lar e na convivência com seus familiares. Tem sido abençoada com muitas honrarias e reconhecimentos.

"A felicidade não é fazer exatamente o que se **quer** fazer; é fazer aquilo que não se deseja fazer — e sentir-se satisfeito por tê-lo feito." Êste é o lema de Jessie Smith. Sua vida é um testemunho da felicidade e do sentimento do dever devidamente cumprido reservado àqueles que obedecem à vontade do Senhor e sentem-se satisfeitos por tê-lo feito.

Joseph Smith apresentou o Livro de Mórmon, traduzindo a grande mensagem nefita das placas de ouro...

PELO DOM E PODER DE DEUS

Eldon L. Haag



Dale Kilbourn

O oleiro da antiga Palestina tinha orgulho da sua habilidade. Para assegurar que o produto pudesse ser vendido às exigentes donas de casa, o artesão primeiro escolhia cuidadosamente a argila e a preparava adequadamente até obter a consistência desejada. Depois, tomando a porção certa, colocava-a no disco superior da roda de oleiro. O inferior era rodado com os pés enquanto as mãos moldavam a argila em forma cônica. Inserindo o polegar na extremidade superior do cone, o oleiro transformava a argila sôbre o disco rodopiante num vaso, às vêzes delicado e frágil, outras, forte e funcional. Ocasionalmente acontecia que, durante o processo criativo, êle interrompia o trabalho e reduzia a massa maleável a uma bola para reiniciar o processo. Quando considerava o produto final satisfatório, colocava-o ao ar livre para secar e depois, finalmente, era cozido num forno até endurecer.

O Profeta Jeremias foi conduzido pelo Senhor ao bairro dos oleiros em Jerusalém para observar a perícia dos artesãos e aprender uma lição pelo exemplo dos discos rodopiantes e da argila úmida. O Senhor explicou: "Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão..." (Jeremias 18:6) Judá foi comparada ao barro que quando estragado é rejeitado pelo oleiro. Não seria inconsistente aplicar o símbolismo do oleiro e do barro ao indivíduo. De fato, Paulo faz exatamente isto quando indaga: "Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sôbre o barro, para fazer da mesma massa um vaso para honra e outro para desonra?" (Romanos 9:20-21)

Argila Úmida e Maleável

A perícia do oleiro aparece melhor quando o barro é úmido e maleável. O vaso endurecido não se presta para ser modificado e quebra quando alguém tenta transformá-lo. É digno de nota quantas vêzes o Senhor escolheu pessoas rudes, jovens, sem instrução para serem seus servos em lugar de homens do mundo, delicados e instruídos. Os profetas Enoque, Samuel e Jeremias, foram chamados enquanto ainda jovens. (Veja Moisés 6:31; Samuel 3:1-20; Jeremias 1:6-7) O Profeta Joseph Smith descreveu a si próprio como uma "grande pedra bruta rolando montanha abaixo; e o único poli-

mento... resulta quando alguma aresta é aplainada pelo atrito com outra coisa qualquer..." Êsses homens tinham como qualidade comum a maleabilidade, sendo que nas mãos do Oleiro Divino tornaram-se efetivas testemunhas de Deus.

Cada profeta é chamado para uma tarefa específica de importância para sua época e a natureza dessa tarefa inquestionàvelmente influencia a escolha da pessoa. Para falar com eloqüência na côrte de Uzias, o poeta Isaías tornou-se o instrumento divino: Foi preciso um Moisés, criado no ambiente do palácio do Faraó, onde as grandes decisões eram questão rotineira, para transformar uma nação de escravos no povo escolhido de Deus.

A principal tarefa do jovem Joseph Smith era a tradução das placas de ouro de Mórmon.

O Trabalho de Tradução

Quando falamos de traduções, até certo ponto pensamos principalmente na tarefa altamente técnica de manejar a sintaxe e flexão verbal. Traduzir é muito mais do que a mecânica gramatical; exige que se capte o espírito ou mensagem do documento original. A tarefa torna-se muito mais complexa quando o idioma a ser traduzido é antigo. Os autores do Livro de Mórmon davam-se conta dessas dificuldades:

"E eis que escrevemos êstes anais de acôrdo com nosso conhecimento, em caracteres denominados por nós egípcio reformado; e nos foram transmitidos e alterados por nós...

"Mas o Senhor sabe tudo quanto temos escrito, e também que nenhum outro povo conhece nossa língua; portanto, Êle preparou os meios necessários para sua interpretação." (Mórmon 9:32,34)

Joseph Smith teve que enfrentar a tarefa de trabalhar e traduzir um registro escrito numa língua desconhecida de todos. Os nefitas haviam usado caracteres egípcios contudo aplicaram-nos em sentido conhecido sòmente por êles. Agindo assim, tornaram a tradução dos anais inexequível pelo método normal do tradutor habilitado ou perito egiptólogo.

O irmão de Jared foi instruído pelo Senhor a redigir seu registro "numa linguagem que ninguém possa ler." (Éter 3:22) Tal mandamento tinha um propósito; torna-se óbvio o fato de que a tradução dos anais não dependeria de nenhum conhecimento científico da língua jaredita. Por isso o Senhor deu a Joseph Smith duas pedras — recurso dificilmente utilizado pelo tradutor treinado — para ajudá-lo na tradução do Livro de Mórmon. O Profeta nos diz que essas pedras constituiam o Urim e Tumim.

Pelo Dom e Poder de Deus

O Élder John A. Widtsoe escreveu:

"Não obstante, não se tratou de uma tradução literal. Segundo é possível depreender, a idéias representadas pelos caracteres eram reveladas ao Profeta. Êste então as expressava em inglês da melhor forma que conseguia..."

O Dr. Sidney B. Sperry acrescenta:

"Durante aquêle período o Profeta possuia uma sensibilidade intuítiva, ou afinidade natural, pela linguagem nefita, o que lhe possibilitou compreender o que estava escrito nas placas de ouro em seu poder. Procurava então expressar os pensamentos gravados nas placas no melhor inglês de que era capaz."

Joseph Smith nunca pretextou ser versado em línguas, embora posteriormente tivesse estudado diversas. Mas como vimos, Deus não procurava êsse dom ao escolher um tradutor para sua obra. O Profeta testificou que êle "havia traduzido os anais pelo dom e poder de Deus." Foi a confiança de Joseph Smith em Deus, sua profunda fé e grande espiritualidade que o qualificaram para receber de Deus o sentido das escrituras nefitas. Quando sua espiritualidade declinava devido a preocupação com "coisas terrenas", sentia-se incapaz de traduzir. Sòmente depois de humilhar-se em oração, readquiria a "sensibilidade intuítiva", mencionada pelo Dr. Sperry.

O Senhor falou dos céus para confirmar a validade do livro de Mórmon, e assim fazendo provou seu papel divino no processo da tradução:

"Estas placas foram reveladas e traduzidas pelo poder de Deus. A tradução delas que vistes é correta e eu vos ordeno que testifiqueis sôbre o que tendes visto e ouvido."

Eldon L. Haag leciona no Instituto de Religião da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Ogden (Utah). Diplomou-se pela Universidade Brigham Young após cumprir missão na América Central de 1954 a 1956. Tem trabalhado muito em diversas auxiliares da estaca e ala, sendo presentemente sumo-conselheiro de estaca. Êle e usa espôsa Vivian Gay Morin têm três filhos, e freqüentam a 75.ª Ala da Estaca Ogden Sul (Utah).

"Tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, Amém."
D&C 20:73



Batismo com Autoridade

Malcolm S. Jeppsen

Jane, garotinha inteligente de cabelos louros e olhos azuis, estava excitada com o batismo próximo, porém apreensiva, como acontece freqüentemente com as crianças de 8 anos, quanto à perspectiva de ser entrevistada pelo bispo. Ao debater com ela no meu escritório o profundo significado do convênio do batismo, enumerei as promessas que faria ao Pai Celestial ao entrar nas águas do batismo. Após escutar atentamente, concordou com essas promessas, sabendo que o Pai Celeste, por sua vez, havia-lhe prometido grandes coisas se ela fôsse fiel. Mostrava-se excitada com o grande acontecimento que a esperava, mas sùbitamente ficou séria e perguntou:

— Bispo, quem irá me batizar?

O pai de Jane falecera num acidente de avião meses antes.

— Que tal seu irmão mais velho, Gerson? Você sabe, êle já é sacerdote no Sacerdócio Aarônico. (Gerson era um ótimo rapaz que logo partiria em missão.)

— Você sabe o que é o Sacerdócio, e por que é tão importante que aquêle que batizar você seja portador dêle? — perguntei-lhe.

Jane não tinha muita certeza sôbre o que significava essa importante palavra. Contei-lhe então a his-

tória da primeira visão de Joseph Smith e de como Deus Pai e o Filho haviam aparecido a êle, instruindo-o a não se filiar a nenhuma das igrejas existentes, pois estas não tinham autoridade. Depois contei-lhe como João Batista, então ressurrecto, procurou Joseph Smith e Oliver Cowdery no dia 15 de maio de 1829 e restaurou a autoridade do Sacerdócio nesta dispensação, a fim de que o batismo e outras ordenanças pudessem ser executados pela autoridade de Deus. (Veja D&C 13; 27:8)

O intelecto dessas crianças de apenas 8 anos é por certo estimulado pelo Pai Celestial nas coisas espirituais, pois Jane imediatamente aprendeu a maior parte do sentido da história. Compreendeu que por muitos séculos não houve na terra autoridade para batizar em nome de Cristo como existe agora. Com auxílio do livro de Doutrina e Convênios examinamos uma por uma as palavras proferidas quando João Batista impôs suas mãos sôbre Joseph Smith e Oliver Cowdery.

A vós, meus conservos, em nome de Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do Evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados... (D&C 13)

Discutimos o que deve ter sido viver numa época de trevas espirituais, como a anterior a êsse grande acontecimento. Jane saiu da entrevista com uma nova e solene compreensão do papel do Sacerdócio no batismo dela.

O Sacerdócio É Imprescindível para Batizar

O caso de Jane era incomum pelo fato de ela se preocupar com a questão de quem iria batizá-la. A maioria dos meninos e meninas que tenho entrevistado não deu muita atenção a essa questão de autoridade e batismo. Que grande oportunidade de prepará-los é às vêzes ignorada pelos pais e professôres! Os pequenos de sete e oito anos às vésperas do batismo estão numa idade ideal para que se discuta com êles na Escola Dominical e em casa a importância da autoridade sacerdotal na vida dêles. É a época própria para torná-los cônscios das três verdades básicas acêrca do Sacerdócio:

1. O Sacerdócio é o direito ou autoridade de representar o Pai Celestial aqui na terra e promover a obra dêle. Mais ainda, o Sacerdócio é o eterno poder de Deus, tanto na terra como nos céus (Veja D&C 50:27); e nosso Pai utiliza tal poder e os homens portadores dêle para realizar sua obra nos céus, assim como na terra.

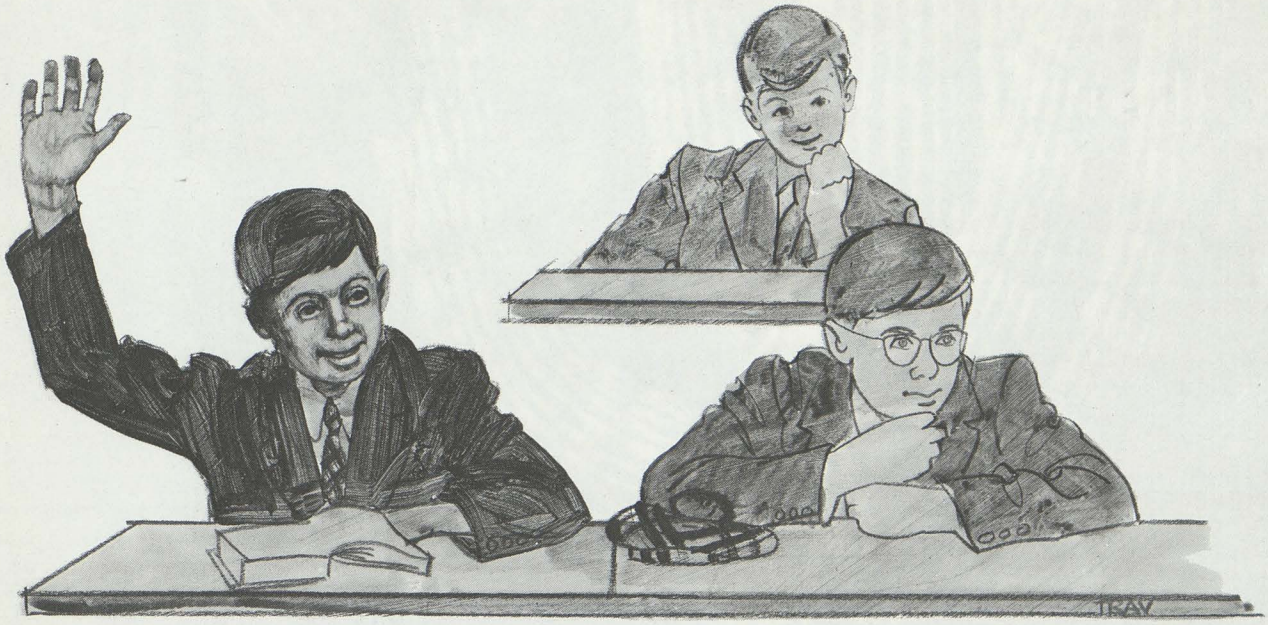
2. Existem diferentes graus de avanço ou crescente responsabilidade dentro do Sacerdócio. Os meninos que já se estão preparando para receber o Sacerdócio dali a uns poucos anos, devem ser esclarecidos especialmente quanto ao fato de que cada grupo tem deveres e tarefas específicos. Os **diáconos** distribuem o sacramento, coletam ofertas de jejum, desempenham o papel de mensageiros na reunião sacramental. Os **mestres** preparam o sacramento, trabalham como recepcionistas, e participam do ensino familiar, uma função muito importante do Sacerdócio. Podem também executar todos os encargos dos diáconos. Os **sacerdotes** administram o sacramento, têm autoridade para batizar e trabalham na obra missionária. Podem também executar tôdas as tarefas dos diáconos e mestres. É preciso acentuar que ser portador do Sacerdócio Aarônico é um estágio preparatório para receber o Sacerdócio de Melquisedeque. À medida que o rapaz se desincumbe conscienciosamente das suas designações e tarefas, ser-lhe-ão acrescidas novas responsabilidades. Magnificar os ofícios que temos no Sacerdócio poderia ser descrito como um processo paulatino de aprendizado semelhante ao da criança que aprende primeiro a sentar, engatinhar, andar, depois correr e finalmente a disputar corridas de velocidade.

3. Durante muitos séculos não existiu Sacerdócio aqui na terra, sendo a restauração dêsse poder uma grande bênção. As crianças conseguem entender muito mais do sentido espiritual relacionado com coisas tais como o Sacerdócio do que eu supunha antes de entrevistar uma porção delas. São capazes de compreender que o batismo delas é válido devido a essa bênção do Sacerdócio, e que os portadores do Sacerdócio estão a caminho de se tornarem verdadeiros filhos de Deus, nosso Pai.

Quando me aproximava da idade de ser batizado, lembro-me da grande admiração que sentia pelos rapazes maiores, portadores do Sacerdócio Aarônico. Tal admiração desempenhou papel importante na minha decisão de tornar-me igual a êles e algum dia receber e honrar o Sacerdócio. Dando às crianças um conhecimento básico da importância dêle e de como logo afetará diretamente sua vida através da ordenança do batismo, poderemos inspirá-las a buscar atingir a meta de uma vida em harmonia com o plano do nosso Pai Celestial.

Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus. (Marcos 10:14)

Malcolm S. Jeppsen, médico de clínica geral, é Bispo da Ala VIII (East Millcreek) da Estaca Mt. Olympus, Utah, casado com Marian Davis, o casal tem cinco filhos.



Um Dêles Sabia

A classe tôda mostrava-se irrequieta. Parecia que o dia fôra particularmente árduo e os rapazes ansiavam pelo término das aulas para poderem terminar o jôgo que haviam iniciado durante o recreio. A fria tarde escocesa estava chegando ao fim e restaria pouco tempo para jogar antes que o sol fôsse encoberto pelo denso nevoeiro que costumava envolver o pátio escolar quase todos os dias.

A professôra prometera que os soltaria mais cedo se conseguissem copiar depressa a oração que ela estava escrevendo no quadro-negro para memorizar em casa. Explicou que considerava excepcionalmente bela e queria que refletissem sôbre cada palavra ao copiar e memorizá-la, a fim de que adquirisse um sentido especial para cada um dêles.

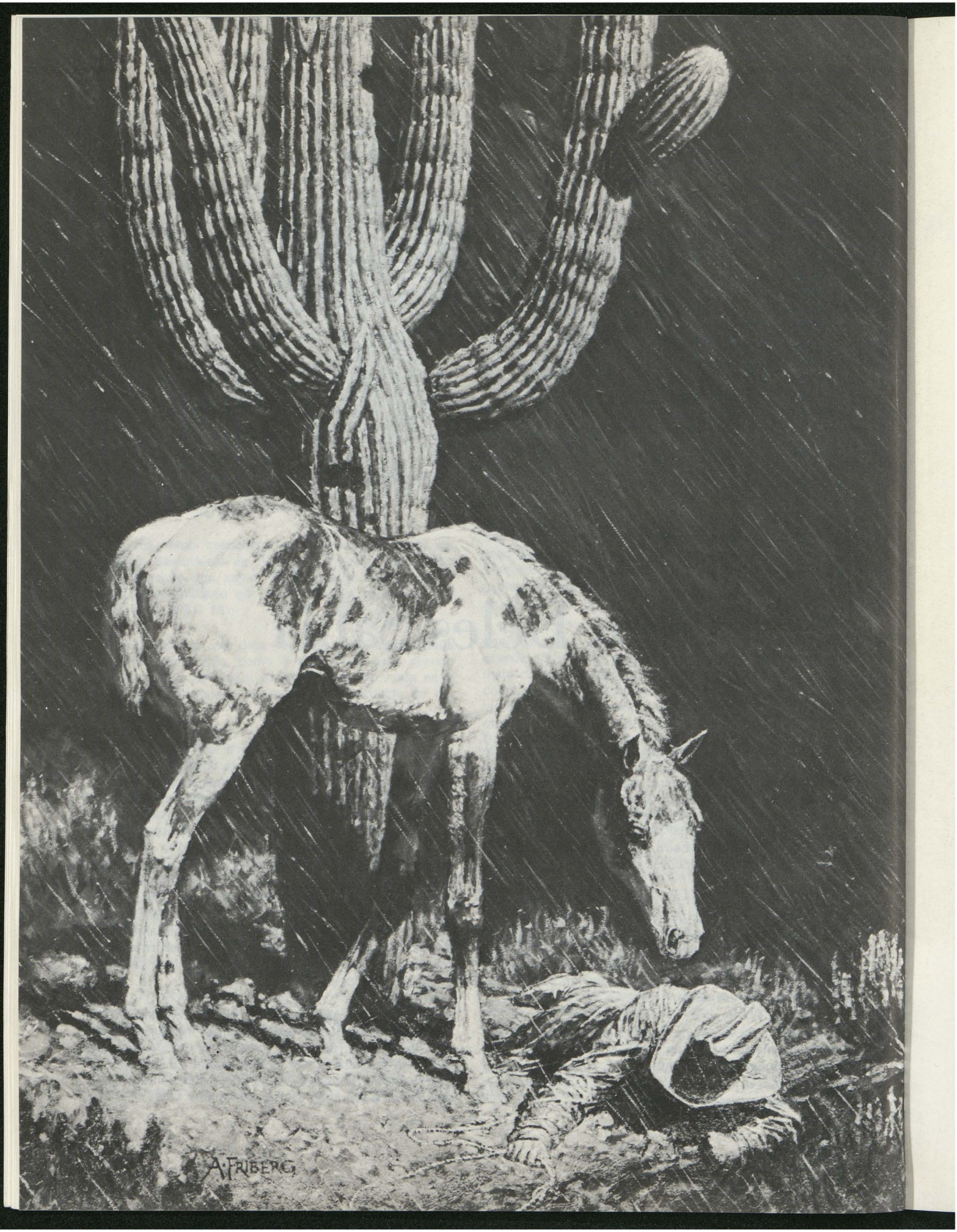
Na sala não se ouvia ruído algum a não ser um rangido ocasional do giz na lousa e dos lápis dos meninos ao copiarem o seguinte:

Ensina-nos, bom Senhor, a servir-te como o mereces; a dar sem fazer conta do preço; a combater sem atentar para os ferimentos; a labutar sem ansiar pelo descanso; a trabalhar sem pedir qualquer recompensa, exceto aquela de saber que estamos fazendo a tua vontade. Amém.

Quando terminou de escrever a última frase, a professôra voltou-se para os alunos e perguntou: "Não é uma bela oração, meninos?" Depois, sem esperar resposta, acrescentou: "Deve ter sido escrita por alguém disposto a continuar trabalhando para o bem alheio sem jamais esmorecer e sem esperar qualquer retribuição por fazê-lo. Quando a memorizarem, tentem descobrir quem poderia ter sido."

Os meninos se apressaram em guardar lápis e cadernos, a maior parte dêles apenas interessados em sair da classe e reiniciar a partida. Mas todos êles quedaram-se pensativos por um momento quando um garoto levantou a mão e comentou calmamente: "Eu já sei. Poderia ter sido escrita por minha mãe."

História verídica relatada por Lucile C. Reading.


A. FRIBERG

Às Vêzes os Presentes Vêm Mais Cedo

Delores Lunt Day
Ilustrado por Arnold Friberg

O aniversário de Mitch estava estragado. Profundamente aflito, colocou as mãos em tôrno dos olhos para evitar o reflexo da luz elétrica e espreitou através da vidraça. Sentia-se como que debaixo duma queda d'água. A chuva batia torrencialmente contra a janela e rajadas ululantes faziam a casa estremecer.

Lá fora nos campos, só e indefeso, um potrinho estava perdido na tormenta. E por culpa dêle! Mitch tentou engolir o nó que tinha na garganta.

Fôra perseguido por problemas desde que sua família se mudara para uma fazenda no Arizona há um ano, quando tinha dez anos de idade. "Você acha que algum dia me tornarei bom rancheiro?" perguntara ao pai.

Mitch nunca mencionou o quanto o atemorizavam as vastas extensões desertas ou como a negra quietude noturna fazia seu coração disparar. Embora nunca o tivesse mencionado, tinha certeza de que o pai o compreendia.

O pior de tudo era que não conseguia lembrar-se das coisas. Esquecia de regar o jardim; esquecia de dar ração aos patos; esquecia de fechar os portões depois de passar. Todos lhe chamavam a atenção, mas ainda assim continuava esquecido.

Então, quando nasceu o potro, tudo mudou. Mitch adorava o animalzinho; êle o compensava de todos os problemas e temores. "Se você provar que é capaz de cuidar dêle, eu lho darei como presente de aniversário."

Mitch deu-lhe o nome de "Capricho". Vivia nas cocheiras atrapalhando e atormentando os camaradas. Pouco a pouco foi aprendendo. Orgulhava-se de suas novas habilidades e conhecimentos. "Capricho é praticamente meu," jactava-se diante do pai.

Procurando reter as lágrimas, Mitch afastou-se de chofre da janela. Como uma pessoa podia errar tanto? Naquela manhã bem cedo, êle e o pai haviam ido às cocheiras. Nuvens escuras, ameaçadoras estavam-se amontoando sôbre "Superstition Mountains" (Montanhas da Superstição) e os trovões roncavam raivosamente.

— O negócio está feio, — resmungou o pai ao apertar a cilha da sela da égua, espero que o temporal não caia antes que eu volte da cidade.

Quando a égua-mãe se afastou, o potro começou a ficar inquieto e relinchar lamentosamente.

Relâmpagos abriam como que fendas profundas, irregulares nas nuvens sombrias. Um golpe de vento chicoteou um canto da cocheira, revolvendo a cabeleira clara de Mitch e fazendo a porta bater descontrolada, o que fêz Capricho negacear assustado.

Mitch estendeu a mão, mas o potro recuou sobressaltado.

— Calma, Capricho, — disse com voz persuasiva, — Não fique assim, por favor.

Talvez uma maçã conseguisse acalmá-lo, refletiu. Esgueirou-se pela porteira e correu para casa.

Ao voltar, estacou assustado, de queixo caído. A porteira estava escancarada; Capricho se fôra.

— Mas como...? Quem teria...?

Então Mitch ficou pálido — esquecera de trancar a porteira. Amedrontado pelo temporal e pela ausência da égua-mãe, o potro fugira. Teria seguido em direção da cidade ou disparara para o deserto?

Antes de conseguir decidir onde começar a procurar, a chuva despencou, ensopando Mitch num fechar e abrir de olhos. Aterrorizado, correu ligeiro para o abrigo da casa.

Continuou a chover torrencialmente o dia inteiro. Mitch aguardava ansioso a volta do pai. Lá pela hora do jantar êste apareceu todo molhado e sujo de lama.

— O temporal despencou quando estava no meio do caminho. Cheguei a duvidar de que conseguiria chegar aqui.

Quando soube do desaparecimento do potro, voltou-se aborrecido para Mitch.

— Avalio como você está triste com o acontecido. Eu também detesto perdê-lo, mas não é possível procurá-lo com êsse temporal.

Agora, todos estavam jantando na cozinha. Mitch observava através da janela a noite escura, selvagem. Não adianta enganar a mim mesmo, pensou, estou morto de mêdo. Ninguém no seu juízo perfeito iria se aventurar num tempo dêsse. Mas seu potro estava lá fora em algum lugar ignorado, correndo grande perigo. Mitch rodeou o corpo com os braços, incapaz de continuar suportando o sentimento de culpa. Havia uma única coisa a fazer.

Abotoou a capa impermeável, agarrou uma lanterna de pilha e abriu a porta da frente. Não pense, advertiu a si próprio, apenas vá andando. Fechou a porta com cuidado, sem fazer barulho, e forçou-se a descer os degraus do alpendre.

A ventania golpeava sua roupa e lançava a chuva selvagemente em seus olhos. A luz da lanterna não conseguia mais do que lançar uma débil claridade nas trevas densas. Terei muita sorte se encontrar a cocheira, refletiu, quanto mais o potro.

Mitch afastou-se da casa, gritando e assobiando. Andou até que suas pernas ficaram dormentes. Finalmente começou a entrar em pânico. Onde estava? Há quanto tempo saíra de casa? Repentinamente levou um escorregão no chão lamacento. Ofegante, caiu de joelhos.

Quando tentou pôr-se de pé, sentiu uma dor lancinante no tornozelo esquerdo. Era o que faltava! Agora meu pé está inutilizado, gemeu. A lanterna se perdera, caindo de sua mão quando êle escorregou.

A chuva caía em torrentes; Mitch encolheu-se na escuridão durante um tempo interminável, como lhe pareceu. Sua cabeça começou a girar, fazendo-o cair de lado. Meio inconsciente ficou a imaginar se seria possível alguém afogar-se na lama.

Passado algum tempo Mitch deu-se conta de que a chuva amainara. Estava deitado de costas. Teria adormecido? Alguma coisa gelada tocou sua mão. Alarmado, procurou afastar-se. Então um focinho macio acariciou sua nuca. Capricho? De fato, era Capricho!

Mitch estendeu o braço enlaçando a cabeça encharcada. — Ó, Capricho. Ó, Capricho — Mitch soluçava. Seu rosto estava molhado, mas não apenas de chuva.

O potro tremia violentamente, e êle sabia que precisava urgentemente de abrigo. Agarrou-se à crina escura, áspera para se pôr de pé. Manquejou penosamente uma curta distância, depois fraquejou. Não conseguia ir mais longe.

O vento estava cada vez mais gelado. Mitch sentia frio e calor alternadamente. Sentia uma dor surda no peito, o tornozelo latejava. Quanto tempo levaria até que o pai desse pela falta dêle?

— Não estou ajudando muito, não é? — sussurrou ao potro. Poderiam estar a quilômetros de casa, pelo que calculava.

Sùbitamente um vulto indistinto apareceu acima dêle. Mitch reteve a respiração — depois suspirou aliviado. Era seu pai. Ao notar que o levantavam, desfaleceu. Quando tornou a abrir os olhos, encontrou-se na cocheira quente, aconchegante.

— Você ficou andando em círculos — explicou o pai. — As cocheiras estavam entre você e a casa, por isso não conseguiu ver as luzes.

— Como foi... como foi que Capricho me encontrou? — perguntou Mitch reprimindo um soluço.

O pai envolveu-o num áspero cobertor cáqui antes de voltar-se para o potrinho friorento.

— Aparentemente êle estava andando a esmo pelo lado de fora do curral e das cocheiras.

O pai estava esfregando e enxugando Capricho com um pedaço de manta.

— Fiquei orgulhoso de você hoje à noite, Mitch, — observou.

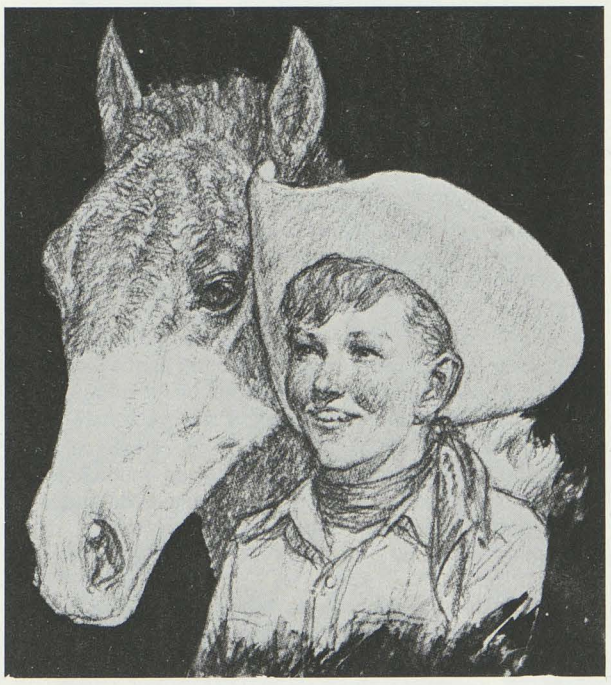
— Por quê? Nem sequer cheguei a encontrar Capricho. Foi êle que me achou, retrucou amargamente.

O pai respondeu calmamente:

— O que você encontrou foi a coragem de fazer o que tinha de ser feito. Capricho não teria resistido muito mais debaixo dêsse temporal. Agora vamos para casa. Seu potro está salvo.

Da porta voltaram-se para um último olhar ao animalzinho. Capricho ergueu seus olhos de um castanho aveludado e relinchou baixinho.

— Olhe para êle. Você já recebeu seu presente — e nem mesmo é dia do seu aniversário.



Meditações de um Diácono

Steve Barrett

Carlos Brotas amava seu pai. Não sabia bem por que, mas o amava.

Talvez um dos motivos fôsse que durante todo o mês passado, sempre que a família ia à reunião sacramental, seu pai fazia questão de sentar-se num banco imediatamente atrás dos reservados para os diáconos. Carlos não contara ao pai que tinha dúvidas quanto ao que se esperava dêle quando se tornasse um diácono na próxima semana — mas parecia que seu pai compreendia.

Carlos estava todo alvoroçado com a próxima formatura da Primária. Pertencer à Patrulha Guia era bacana, mas já aspirava ser um Escoteiro da Pátria, e além do mais a tropa estava para realizar um grande acampamento às margens da reprêsa. As histórias que os mais velhos contavam sôbre a AMM, o escotismo e tôdas as coisas divertidas que faziam eram "grandes" — mesmo que a gente tivesse que dançar com uma das meninas de vez em quando!

Tornar-se um diácono também era excitante, mas também um pouco assustador. Sentira-se amedrontado quando o bispo o procurara no saguão para marcar uma entrevista para as duas horas daquela mesma tarde.

O que iria dizer ao bispo? Ou pior ainda, o que o bispo iria dizer-lhe? Rapaz! Como os minutos custavam a passar — ainda era 1,30 e já estava esperando perto da porta da capela havia 25 minutos!

Êle não informara à mãe aonde ia, porque ela teria ficado tôda preocupada com o apuro das suas roupas e sôbre o que êle iria dizer. Ela o teria perturbado com perguntas o tempo todo e no fim êle continuaria não sabendo como responder ou o que pensar. Depois, já era tempo de cuidar de si mesmo — há certas coisas que é melhor resolver sòzinho.

Será que estava preparado para ser diácono? Estava parado agora junto à porta do bispado, podendo ouvir vozes murmurando lá dentro. Quais eram mesmo tôdas aquelas coisas de que falara a Irmã Silva durante os anos de Primária? Autoridade, João Batista, imposição das mãos, mais poder do que qualquer outro na escola — seria tudo verdade mesmo? Será que isto significava que na próxima vez que o valentão do Juca lhe dissesse nomes feios conseguiria derrubá-lo com um sôco só?

Seria realmente digno? Não tinha sido muito difícil recusar o primeiro cigarro que lhe ofereceram. Sabia que era bobagem. No entanto, algumas das outras coisas não eram tão fáceis.

Seria mesmo tão importante o que se fala? Dizer palavrões e praguejar era uma das coisas que o preocupavam atualmente. Será que havia mesmo um anjo anotando tudinho? Algum dia dêsses mamãe ou papai o pegariam em flagrante — aí estaria metido numa enrrascada daquelas. Concluía que devia estar errado, já que se preocupava com o assunto. Às vêzes, contudo, desculpava-se a si mesmo argumentando que era o único rapaz mórmon na classe e havia apenas sete dêles na escola inteira — era duro, realmente duro! Os outros meninos pensariam que era um maricas se não empregasse a mesma linguagem dêles. Seria esta realmente uma boa desculpa?

O bispo sorriu-lhe quando Carlos entrou na sala — vai ver que não seria tão difícil como pensara! A primeira pergunta foi fácil. "Você deseja ser um diácono?" Naturalmente que sim — não era o que todos queriam? Depois as perguntas tornaram-se um pouco mais difíceis, mas pôde respondê-las tôdas honestamente, até que final embatucou: "Você emprega linguagem vulgar ou profana?" Em vez de responder ficou olhando para os sapatos. O que deveria responder? O que poderia dizer? O bispo ficou esperando...

De alguma forma não foi tão difícil contar ao bispo; nem mesmo ao pai mais tarde, quando o bispo falou com os dois juntos. Os dois mostraram-se muito compreensivos. Sentiu-se até bem — quando estava tudo terminado! Havia algo importante no conselho dado pelo bispo: "Você pode ser apenas um, mas pelo menos é um." Mesmo aquela semana a mais que o bispo o fêz esperar não foi tão ruim assim. Sentiu-se bem quando pôde encarar o bispo e o pai afirmando honestamente que conseguira. Iria ser ordenado diácono — foi o bispo quem disse!

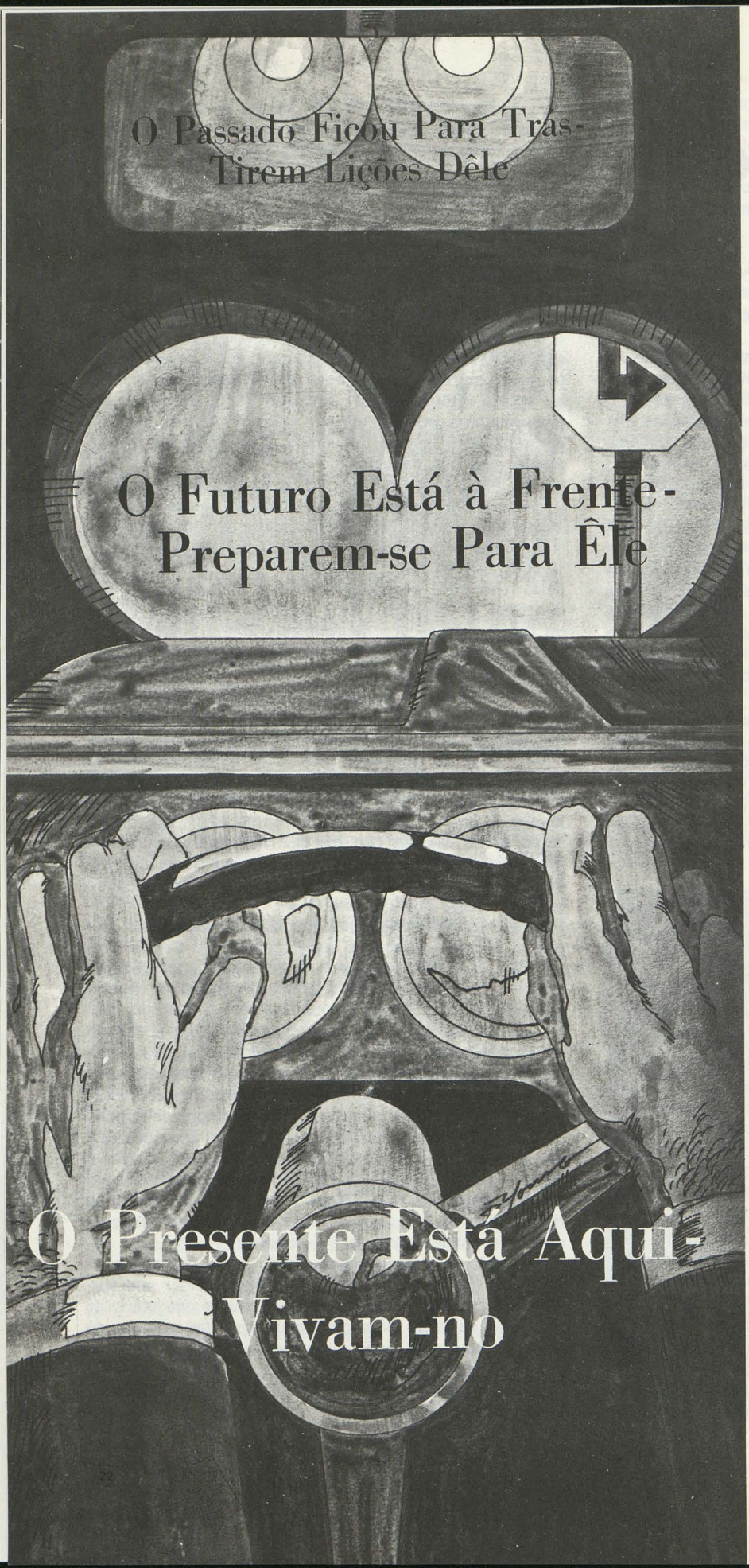
Na reunião sacramental o bispo o chamou ao púlpito e afirmou perante a congregação que Carlos Brotas fôra considerado digno de ser ordenado diácono. Isto era assustador, mas a sensação cálida no íntimo tornava-o compensador.

Sentiu as mãos sôbre a cabeça e ouviu a voz do pai conferindo-lhe o Sacerdócio Aarônico. E agora o que era esperado dêle? O que dizia seu pai? "Seja honesto — permita que o Espírito o ajude nas ocasiões difíceis."

De pé, junto à mesa sacramental, com os braços para trás, Carlos sentiu as mãos úmidas. Esperava que não tropeçasse ao passar entre os bancos. A mãe o havia prevenido quanto a isto. Êle nunca tinha visto um diácono tropeçar, mas talvez fôsse o primeiro. No último momento, o que mais temia era que seus sapatos novos rangessem quando êle andasse.

Distribuiu o sacramento rígido como um poste. A última fila foi a parte pior. Sem corresponder aos risinhos dos seus irmãos, recebeu a bandeja das mãos do pai, e ao voltar-se para prosseguir com um suspiro de alívio, notou uma pancadinha aprovadora no braço e percebeu um aceno e sorriso destinados sòmente a êle.

Carlos realmente amava o pai, e isto lhe fazia sentir-se muito bem.



O Present

Aproximadamente há três mil anos, o famoso Davi, rei de Israel, antepassado de Jesus Cristo, escreveu esta bela e singela oração: "Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e guia-me pela vereda direita." (Salmo 27:11)

O mundo tem-se transformado desde os tempos de Davi, mas nossa oração precisa ser a mesma nos tempos atuais. Não obstante os caminhos de ontem se tenham transformado nas super-estradas modernas, elas ainda nos conduzem ao mesmo destino. Para que possamos andar com segurança por essas estradas da vida, necessitamos de sinalização adequada dirigindo-nos ao nosso destino. Permitam-me sugerir três importantes sinais indicadores.

O passado ficou para trás — **tirem lições dêle.**

O futuro está à frente — **preparem-se para êle.**

O presente está aqui — **vivam-no.**

Examinemos a primeira indicação da nossa estrada: O passado ficou para trás — **tirem lições dêle.** Às vêzes, a juventude impaciente rebela-se contra a possibilidade de tirar lições do passado. Mas quando alguém se recusa a aprender as lições do passado, está fadado a repetir os mesmos erros e ter que suportar as conseqüências decorrentes. Há séculos, escreveu o salmista:

"É melhor confiar no Senhor do que confiar no homem.

"É melhor confiar no Senhor do

sente Está Aqui-Vivam-no

Thomas Lee Monson
(18 anos de idade)

que confiar nos príncipes." (Salmo 118:8-9)

Um que aprendeu esta lição tarde demais, foi o cardeal Thomas Woolsey que, segundo Shakespeare, dedicou tôda uma vida a servir fielmente três soberanos, gozando opulência e poder. Finalmente foi rebaixado por um soberano impaciente. Com alma angustiada, clamou: "Tivesse eu servido meu Deus com a metade do zêlo com que servi meu soberano, não ter-me-ia deixado indefeso, na idade que tenho, nas mãos dos meus inimigos." (Henrique VIII, ato II, cena 2.)

Uma das maiores de tôdas as lições foi-nos ensinada pelo Salvador. Quantas vêzes, quando testemunhamos o sofrimento de um nosso semelhante, estamos prontos a duvidar da misericórdia do Pai Celestial. Quase sempre procuramos entrar no reino do Pai sem percorrer o caminho da dor. O passado nos ensina que o Salvador do mundo sòmente alcançou o reino celeste após muitas dores e sofrimentos. Nós, servos que somos, não podemos pretender caminho mais suave do que o do Mestre. Antes da Páscoa, teve que haver uma cruz. O passado ficou para trás — **tirem lições dêle.**

Ao percorrermos a super-estrada da vida, é preciso olhar pelo espêlho retrovisor para ver o que ficou atrás de nós. Isto é tão importante quanto conhecer o que está à nossa frente. O futuro está à frente — **preparem-se para êle.**

A despeito do que outros possam pensar ou dizer — os tímidos demais e os de pouca fé — aventuro-me a prever que o amanhã será uma boa época para se viver. Creio que será um dos mais preciosos e privilegiados períodos da história humana, um período de transições e desafios e promessas infinitas.

Não devemos limitar nosso pensar aos problemas atuais. É preciso preparar-se para as oportunidades do amanhã. Segundo o Pres. Lorenzo Snow, "assim como homem é, Deus já foi; assim como Deus é, o homem poderá vir a ser." Parafraseando, não seria lícito afirmar que, "se o homem deverá vir a ser como Deus é, êle precisa ser agora como Deus foi?" Preparemo-nos vivendo a vida como Deus o faria. Os problemas que nos aguardam sòmente serão insuperáveis enquanto assim os considerarmos. O futuro está à frente — **preparem-se para êle.**

Tiramos lições do passado; preparamo-nos para a vida futura; mas nem por isso devemos perder a vida nessa busca. O presente está aqui — **vivam-no.** O Apóstolo Paulo disse: "O que semeia em abundância, em abundância também ceifará." (II Cor. 9:6)

Hoje em dia muitos estão à deriva num oceano de incertezas, ameaçados de serem destruídos pelos vagalhões da tentação. Êsses homens de pouca resistência vagueiam a esmo através das horas e deixam-se levar pelos anos afora, enquanto que seus irmãos mais valorosos seguem um rumo certo.

Enfrentar as dificuldades é viver plenamente no presente. Os problemas são uma parte normal da vida; o grande desafio é não se deixar vencer por êles. É preciso não fugir à luta com os desafios. É muito freqüente nos enfiarmos no abrigo contra ciclones assim que sopra um vento mais forte. Enfrentando e superando os desafios conseguiremos renome entre os homens. Entretanto, a boa reputação apenas não é um indicador fiel de qualidade. Saul foi um competente rei de Israel até que a cobiça e o amor ao poder o levaram à ruína. Finalmente acabou sendo rejeitado por Israel, Samuel e mesmo pelo Senhor. Saul tinha renome, mas faltava-lhe caráter. A reputação é sòmente aquilo que se realizou; caráter é aquilo que se é. O presente está aqui **vivam-no.**

O caminho que percorremos animadamente nos traz do obscuro passado, nós o estudamos principalmente devido à sua relação com a vida atual e sua promessa para o futuro.

O tráfego intenso na super-estrada da vida tende a desviar-se cada vez mais do caminho estreito e apertado. O caminho do Senhor talvez seja freqüentemente cruzado por outros que conduzem para longe do destino celestial, mas o viajante prudente seguirá a sinalização de segurança. Nunca nos esqueçamos, pois:

O passado ficou para trás — **tirem lições dêle.**

O futuro está à frente — **preparem-se para êle.**

O presente está aqui — **vivam-no.**



O Bispo Presidente Fala à Juventude Sôbre

SUCESSO

Bispo John H. Vandenberg

Existem duas palavras que nos costumam levar ao profundo desespêro ou à suprema felicidade: **fracasso** e **sucesso.** As pessoas pagarão quase que qualquer preço para evitar o estigma de fracassados. Não hesitarão em dar todo seu tempo, talentos e recursos; seu corpo e mesmo a alma para serem bem sucedidas num projeto ou empreendimento que reputem importante. É nisto, na maioria das vêzes, que residem as grandes tragédias do viver.

O sucesso nem sempre é uma questão de realizar aquilo que desejamos, mas antes o que deveríamos fazer. Na nossa sociedade há jovens que não querem trabalhar, que recusam empenhar-se num esfôrço contínuo, adequado, retraindo-se da sociedade e tornando-se irresponsáveis, improdutivos. Vivem à deriva como fôlhas mortas ao sabor do vento. E quanto mais condescendem nessa maneira de viver, tanto mais realizados se julgam. Mas todo aquêle que refletir um pouco saberá que é um engano. Dois axiomas fundamentados em anos de experiência, provam-nos o contrário:

"A busca das coisas fáceis torna o homem fraco."

"Se quereis tornar a vida fácil, tornai-a árdua."

O atleta que não fortalece sua musculatura, condicionando-a devidamente pelo treinamento, nunca será um vencedor. Conhecerá sòmente a derrota, a vergonha e a piedade. O trabalho e empenho necessários para nos prepararmos para as tarefas da vida são o principal alicerce do sucesso e da felicidade. Não existe um caminho fácil que conduza à excelência. No mundo adulto, seja êle profissional, técnico ou dos negócios, não há lugar para os jovens que chegam glorificando a indolência, a relutância de dar o melhor de si em qualquer atividade integrante dos seus anos de formação. A pior coisa da vida é nunca fracassar; não tentar vencer; viver no indistinto crepúsculo que não conhece luz nem sombra, tampouco vitória ou derrota.

A diferença entre aquêles que alcançam sucesso no cumprimento do propósito que nos trouxe à terra e os que deixam de preencher a missão da vida, prende-se ao fato de como encaram as derrotas, provações e dificuldades: marcos miliários na estrada do progresso, ou barreiras intransponíveis. Superar as dificuldades transformando-as em experiências enobrecedoras que proporcionam vigor e fibra moral à alma é que faz o forte.

O Profeta Joseph Smith teve que vencer centenas de provas penosas antes de conseguir estabelecer a Igreja, para que fôsse suficientemente forte, para não ser destruído. Depois de êle e diversos companheiros terem passado meses seguidos na prisão de Liberty, Missouri, Joseph Smith achou que haviam atingido o limite extremo, um ponto que não seria justo exigir que ultrapassassem. Por isso voltou-se ao Senhor implorando em favor dos santos e seus líderes nas seguintes palavras:

"Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo?

"Quanto tempo reterás a tua mão, e o teu ôlho, sim, e o teu ôlho puro, contemplará dos eternos céus as ofensas contra o teu povo e teus

servos, e penetrarão teu ouvido os seus choros?" (D&C 121:1-2)

Joseph Smith prosseguiu rogando eloqüentemente socorro para o seu povo. Quem tenha lido a história daquela época saberá que suas súplicas decorriam da real necessidade de serem libertos das perseguições e maus tratos inflingidos pelo populacho de modo tão brutal, que torna-se difícil acreditar que possam ter ocorrido.

Mas o Senhor sabia que as provações são imprescindíveis para preparar-nos para sermos o tipo de povo capaz de ser feliz na eternidade. O sucesso freqüentemente segue de perto o que nos parece ser derrota inevitável, como nos mostra o Senhor:

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

"E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sôbre todos os teus adversários." (D&C 121:7-8)

O caminho acidentado que trilhamos ao nos prepararmos para uma vida útil, uma vida que beneficia a todos que entrem em contato com seus frutos, é muito melhor que o caminho liso, escorregadio da indolência.

Os veleiros são inúteis na calmaria; suas velas pendem impotentes contra o mastro desguarnecido quando falta a fôrça do vento.

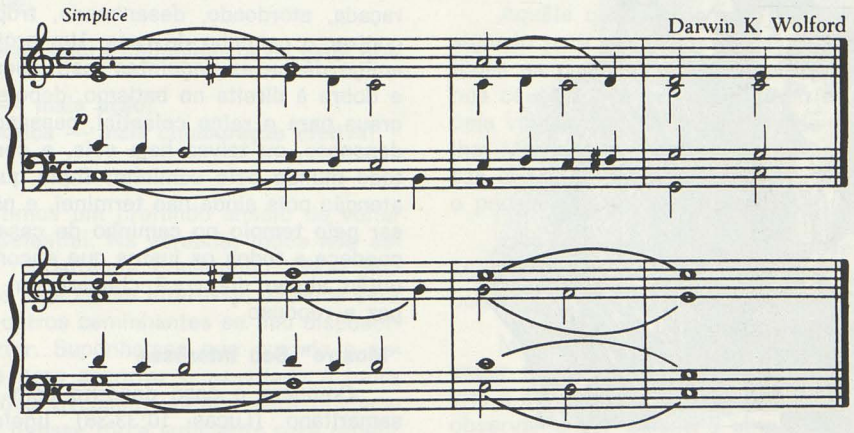
Conta-se uma história de uma mina de ouro fabulosamente rica da África e de como surgiu seu nome:

"O indivíduo que fêz a primeira tentativa, perfurou um poço de cêrca de 60 metros de profundidade sem encontrar ouro algum. Desencorajado chamou-a de 'bad luck' (má sorte) e desistiu. Os mineiros mais indômitos, seus vizinhos, achavam que êle se mostrara covarde e a mina ficou sendo conhecida por "white feather' ('pena branca', considerada o símbolo da covardia). A escavação foi vendida a outro garimpeiro por cinqüenta mil dólares. O nôvo proprietário, num único dia de trabalho cavou mais um pouco e encontrou um veio aurífero que lhe trouxe imensa fortuna."

Um dos instrumentos favoritos de Satanás é o desânimo — que nos impele a desistir. Desculpas para não trabalhar e não dar o melhor de si na vida, são facílimas de encontrar. Mas aquêles que querem viver em plena felicidade, nos píncaros do sucesso, sabem que alí não há lugar para a "pena branca". Sabem que o verdadeiro sucesso não é atingido realizando as coisas fáceis; mas sim empenhando-se a fundo em tarefas e projetos difíceis nos quais o fracasso temporário é freqüente.

Perguntaram ao grande inventor Thomas Edison se as numerosas tentativas fracassadas para solucionar um problema não o desencorajavam, ao que respondeu: "Não, não me sinto desanimado, porque qualquer derrota é mais um passo adiante." Disse Samuel Smiles, escritor escocês da segunda metade do século passado: "Aprendemos muito mais com o fracasso do que com o sucesso; freqüentemente descobrimos o que devemos fazer, averiguando o que não devemos; provàvelmente aquêle que nunca cometeu um engano também nunca fêz uma descoberta."

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

Escola Dominical Sênior

"Aquêle que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5)

Escola Dominical Júnior

"Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor." (1 Néfi 3:7)

Professôres, vivam de modo a poder dizer a seus alunos...

"SIGAM-ME"

Robert A. Baird



Entre os professôres surge freqüentemente a questão: "Como posso demonstrar aos meus alunos que realmente me interesso por êles?" A resposta é fácil de formular, embora mais difícil de pôr em prática: **"Demonstre** seu interêsse!"

Consideremos as seguintes cenas:

Primeiro, imagine um caminhante com visão embaraçada, atordoado, desanimado, trôpego, tentando encontrar o caminho de casa. Um professor ou pretenso amigo dá-lhe as seguintes instruções: "Vá até a igreja e dobre à direita no batismo, depois suba os treze degraus para o reino celestial, passando pelas quatro ordenanças, ou talvez haja seis, e certifique-se de amar todo mundo pelo caminho; fique quieto e escute com atenção pois ainda não terminei, e não esqueça de passar pelo templo no caminho de casa, e acima de tudo, obedeça a todos os justos que encontrar pelo caminho; então algum dia você chegará em casa e ali haverá paz e repouso."

"Mostre" Seu Interêsse

Compare o caso descrito com a história do bom samaritano (Lucas 10:33-36) ligeiramente adaptada: "...Ao encontrá-lo, compadeceu-se dêle. E, **aproximando-se, atou-lhe** as feridas, **despejando** sôbre elas ezeite e vinho; e, **pondo**-o sôbre a **sua** cavalgadura, **levou**-o para uma estalagem, e cuidou dêle. E na manhã seguinte, ao partir, **tirou** dinheiro e **deu**-o ao hospedeiro dizendo: **'Cuida** dêle; e tudo o que gastares a mais, eu to **pagarei** quando voltar'"

Note que todos os verbos do segundo exemplo denotam "ação". O samaritano cuidou do ferido, pagou as despesas e fêz todo o necessário para que aquêle homem se recuperasse e pudesse voltar para casa. De-

pois de fazer tudo que lhe foi possível, reconhecendo que necessitava de mais cuidados, o samaritano providenciou para o amigo a atenção adicional de que precisava, antes de voltar a cuidar de seus próprios interêsses.

Nos exemplos descritos é fácil apontar quem realmente demonstrou cuidado, interêsse. Examinando nossa própria conduta como mestres, a questão de como demonstramos nosso cuidado, interêsse, talvez seja mais penosa.

Com nossos alunos, filhos e amigos:

"Ficamos o tempo todo apresentando 'respostas prontas'? Ou escutamos, debatemos e investigamos respostas e soluções junto com êles?

"Demonstramos complacência interior pelo exemplo da nossa própria vida? Ou mostramos excitação pela vida, disposição de aprender e real entusiasmo pelas coisas que reputamos importantes?

"Expomos uma imagem de farisaísmo? Ou lutamos e nos empenhamos a fim de aprender a viver demonstrando persuasão, gentileza, humildade e amor sincero? Os outros conseguem perceber essa nossa luta? E temos suficiente compaixão para conseguir compreender que também êles lutam?

"Costumamos dizer: 'Ide, segui-o'? Ou convidamo-los a segui-lo em nossa companhia — orando juntos, lendo e estudando as Escrituras conosco, servindo conosco, usufruindo em nossa companhia a beleza e a alegria do Evangelho?"

Necessitamos de:

Menos falatório inócuo sôbre delinqüência — mais braços acolhedores!
Menos exortações — mais ação!
Menos indicação teórica — mais colaboração efetiva!
Sigam-me

Todos nós sentimos um profundo anseio de voltar para junto do Pai Celestial. Na verdade, todos nós estamos implorando: "Mostre-me o caminho." Mas não importa quão grande seja nosso interêsse, não nos será possível fortalecer outros caminhantes se não dispusermos de fôrça interior. Suponhamos que quando o samaritano se deteve para socorrer o assaltado à beira da estrada os ladrões tivessem voltado para o atacarem. A não ser que tivesse fôrça suficiente para repelir os assaltantes e fazer o que precisava ser feito, teria sido de pouca valia para a primeira vítima. Portanto, para poder beneficiar a vida dos nossos semelhantes, precisamos primeiro considerar a fôrça e qualidade da nossa própria vida.

Cada um de nós é diferente, tendo talentos e qualidades próprios. Entretanto, existem alguns passos proveitosos que todos podemos adotar no preparo das lições e em nossos contatos com terceiros para podermos realmente mostrar-lhes o caminho de casa:

Primeiro, devemos ater-nos rigorosamente ao princípio de não pregar ou tentar ensinar qualquer conceito ou idéia nos quais não acreditamos.

Segundo, devemos integrar na conduta diária da nossa própria vida os princípios que ensinamos aos outros.

Terceiro, devemos tomar o tempo indispensável para caminhar junto com os alunos mostrando-lhes o caminho em lugar de falar da salvação e apontar o rumo.

Retornando à primeira cena, o professor poderia proceder da seguinte forma em relação ao caminhante:

"Vem comigo até à água da vida e recebe como eu, alento e fôrça. Há um longo trajeto a percorrer no caminho que leva ao lar definitivo, mas temos tempo. Repousa comigo hoje no meu lar. Perguntas sôbre o templo? Quando estiveres fortalecido e limpo, poderás conhecer a mais bela e cálida experiência. Poderemos usufruí-la juntos. Contudo, haverá ocasiões em que terás de caminhar sòzinho pela estrada. Mas eu conheço teu Pai, êle tem amigos ao longo de todo o trajeto. Leva o nome dêle contigo, e êsses amigos dar-te-ão paz e repouso durante a jornada. Toma, sacia tua sêde na minha taça. Agora repousemos a fim de estarmos preparados para o amanhã."

Purificar Nossa Vida

O Senhor assegurou-nos que "conhece as fraquezas dos homens e sabe como socorrer aos tentados." (D&C 62:1) Fêz a todos nós, seus mordomos, a seguinte promessa:

"...(Conhecereis) a verdade... (para que) afugenteis de entre vós as trevas;

Aquêle que é ordenado por Deus e enviado, é designado para ser o possuidor de tôdas as coisas; pois tôdas as coisas lhe são sujeitas, tanto na terra como nos céus, a vida e a luz, o Espírito e o poder, enviado pela vontade do Pai, por meio de Jesus Cristo, seu Filho. Mas nenhum homem é possuidor de tôdas as coisas, a não ser que êle seja purificado e lavado de todo o pecado." (D&C 50:25-28)

Esta promessa é na realidade um convite para **observar** e **imitar** o exemplo dêle e participar do seu poder.

Mesmo que pareça remota a possibilidade do Salvador nos mostrar pessoalmente o caminho — o convite e a promessa são insofismáveis. A oportunidade de observar e ser guiado é uma realidade.

Nosso desafio como professôres é purificar nossa vida de modo a podermos receber essa luz que nos capacitará a **ver** por nós mesmos e **mostrar** aos outros o caminho.

Robert Allan Baird é supervisor de estudantes na Universidade Brigham Young, onde bacharelou-se em letras em 1963. Foi missionário no Brasil, tendo lecionado português no programa de treinamento linguístico de missionários na referida universidade. Atualmente é supervisor de genealogia e mestre familiar na 38.ª Ala da 3.ª Estaca da Universidade Brigham Young.

"Meu Jugo é Suave e o



Alice Smith
Membro da Junta Geral
da Sociedade de Socorro

(Discurso pronunciado na Reunião das Oficiais da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro, 1.º de outubro de 1969)

Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.
Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.
Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mat. 11:28-30)

Das margens do Mediterrâneo oriental vem-nos, através dos séculos, êste caloroso convite do Salvador.

Em suas andanças pelas colinas estéreis da Galiléia ou em jornadas nos poeirentos caminhos da Judéia, Jesus encontrou miséria, doenças e aflições de tôdas as espécies. Encontrou pecadores arrependidos e os empedernidos. Defrontou-se com o sofrimento. E resultante dessas experiências e sua imensurável compreensão, nasceu o apêlo compassivo: "Vinde a mim."

Em 1830 o Profeta Joseph Smith declarou que Deus é "... o mesmo Deus imutável..." (D&C 20:17), portanto não surpreende que a 28 de julho de 1843, dezesseis irmãs da Sociedade de Socorro fossem designadas a "procurar os pobres e sofredores... para socorrê-los em suas necessidades." Apenas dezesseis entre milhões! Mas era preciso haver um início. Em 1843, eram dezesseis; hoje, muito além de 100.000; amanhã, serão 200.000; e depois de amanhã, dois milhões.

Há poucas semanas re-encontrei uma adorável amiga minha. Ela tem sido sócia ativa da Sociedade de Socorro durante muitos anos. Eu a quero muito e fiquei feliz por encontrá-la. Perguntei-lhe o que estava fazendo na Igreja atualmente. Após hesitar um momento respondeu: "Ó, sou apenas professôra visitante."

Apenas uma professôra visitante! Fiquei a pensar, após nos despedirmos, como minha amiga haveria de sentir-se se na próxima reunião das professôras visitantes aparecesse o Salvador e lhe dissesse: "Quero que sejas minha emissária. Quero que digas a tôdas as mulheres do teu distrito que eu as amo e que me preocupo com o que possa acontecer a elas e a seus familiares. Quero que sejas minha auxiliar, que veles por essas irmãs e cuides delas para que tudo esteja em ordem no meu reino."

Se nos tivéssemos encontrado após tal reunião, sua resposta não teria sido diversa? O Salvador não a chamou por intermédio do Sacerdócio tão certo como se estivesse pessoalmente presente? Como será que nossas professôras visitantes encaram essa designação — como um encargo ou como um grande privilégio e bênção espiritual concedidos pelo Salvador?

Às professôras visitantes cabe a alta responsabilidade de descobrir os que estão necessitados. Além disso, por meio de suas visitas provam às irmãs que alguém se preocupa com elas e que também Deus se preocupa.

A professôra visitante deve ser a melhor amiga de tôdas as irmãs do seu distrito. Não quero dizer com isso, a amiga mais íntima, mas a melhor amiga.

Espero que tôdas aqui tenham uma "melhor" amiga, pois assim saberão o que quero dizer. O que é uma "melhor" amiga? É alguém a quem se pode confiar seus segredos sabendo que estão bem guardados. É alguém que escuta com atenção e o faz com prazer. É alguém interessada em tudo quanto possa acontecer à sua amiga. É alguém sempre pronta a ajudar quando necessário.

Quando atendo à porta e vejo minha melhor amiga ali parada, sinto o coração aquecer-se. Mal posso esperar que entre. Fico exultante por recebê-la. Eu a quero muito assim como sei que também me quer bem.

A professôra visitante deveria suscitar essa reação em tôdas as irmãs a seu encargo. Ela não é um simples alguém, ou não deveria ser, que aparece correndo no último dia do mês dizendo: "Disponho apenas de uns poucos minutos — tenho certeza de que a irmã já leu a mensagem. Além do mais, a irmã sabe mais do que eu, e de qualquer forma não se aplica mesmo à irmã, não é? Está tudo bem? Eu a verei na próxima reunião da Sociedade de Socorro." A professôra visitante deve deixar nas visitas o seu amor que abençoa tanto a irmã como o lar dela. Repito, ela não é a amiga íntima, mas deveria ser a melhor amiga.

Certa ocasião, anos atrás, ao sair da capela depois da reunião da Sociedade de Socorro fui abordada por minha professôra visitante.

— Alice, — disse-me, — você tem tudo de que precisa. Gostaria de poder fazer alguma coisa por você.

— Mas você na realidade faz algo por mim todos os meses, — respondi. — Você me traz uma mensagem de amor. Sinto-me confortada e fortalecida pelo cuidado demonstrado por mim e minha família.

Mas ela não parecia plenamente satisfeita.

e o Meu Fardo é Leve"

Duas horas mais tarde ela apareceu lá em casa com uma fôrma de pão caseiro recém-assada, dizendo:

— Depois que nos despedimos hoje, lembrei-me de que certa vez você me contou que seus deveres na universidade a mantinham tão ocupada que não lhe restava tempo para fazer pão. Assim encontrei algo de especial que podia fazer por você.

Cinco anos atrás voltamos após uma ausência de três anos. Estávamos exaustos depois de uma longa viagem por mar. Vinte minutos depois, quando nem tínhamos tido tempo ainda de ir ao mercado, bateram à porta e lá estava a mesma professôra visitante (que há muito havia sido desobrigada) com uma fôrma de pão ainda quentinho e um vidro de geléia. Explicou que nos vira chegando no momento em que estava prestes a tirar o pão do forno.

Aprecio imensamente o emblema da Sociedade de Socorro com seu lema "A Caridade Nunca Falha", mas meu emblema particular do ensino familiar sempre será uma fôrma de pão caseiro recém assado.

Devemos "prover as necessidades de todos". No confuso e complexo mundo atual, assim como foi no mundo de Cristo, existem solidão, desespêro, pecado, pesar e sofrimento. Não podemos saber quando surgirão no lar dos nossos amigos, portanto temos de estar preparadas.

A compaixão faz parte do modo de vida. Darlene, jovem, graciosa e encantadora mãe de um bebê novinho foi atingida por esclerose múltipla. A enfermidade progrediu ràpidamente impossibilitando-a até mesmo de cuidar da criança. Foi nessa época que apareceram duas compassivas professôras visitantes. "Deitai azeite e vinho nos ferimentos dos que sofrem," (Veja DHC, vol. IV, p. 567), aconselhou o Profeta Joseph Smith. Elas continuaram a visitar e ajudá-la.

Suas demais amigas, a princípio muito prestativas, com o passar do tempo foram espaçando mais e mais as suas visitas. O marido a abandonou. Darlene foi-se tornando amarga. Recusava o auxílio oferecido com palavras iradas, hostis. Por que era obrigada a ficar na cama quando outros podiam viajar, trabalhar e divertir-se a seu bel prazer? Por que tinha que ficar deitada ali enfraquecendo dia a dia? Revoltava-se contra seu destino e com isso foi afastando as amigas.

Uma das professôras visitantes mudou-se para longe e a outra foi desobrigada, mas nem por isso deixou de demonstrar-lhe seus cuidados e amor. Durante anos visitou-a freqüentemente, oferecendo-lhe constante assistência, ignorando as palavras duras e hostis de Darlene. Mesmo quando estas eram dirigidas diretamente a ela, não abandonou a irmã enfêrma e sofredora.

Recentemente a família de Darlene mudou-se para Utah, e também a enfêrma, agora completamente prêsa à cama, embora não tivesse atingido os quarenta anos. Teria sido o fim dos cuidados da ex-professôra visitante? De forma alguma. Fêz uma chamada telefônica interurbana a um dos membros da sua família ali residente pedindo: "Por favor, procure Darlene. Diga-lhe que sempre me lembro dela e que continuo a amá-la. Por favor, vá visitá-la sempre que puder."

A compaixão faz parte da maneira de viver. Anos de cuidado e a distância não fazem diferença quando a professôra visitante é uma melhor amiga amorosa. As mensagens das professôras visitantes são importantes. As regras que governam o ensino familiar são importantes. Mas além e acima de tudo, e muito mais importante, é um coração compreensivo, solícito e amoroso.

Nunca as professôras visitantes foram tão necessárias como agora. Talvez nunca cheguem a encontrar uma Darlene, mas sempre haverá aquêles que precisam de amor e compreensão. A solidão infesta êste nosso mundo. A solidão usa muitos disfarces. Podemos não suspeitar da sua presença embora muitas vêzes esteja ali.

O crescimento da Igreja aumenta ano a ano, e conseqüentemente a necessidade de mais professôras visitantes. Qual será o futuro delas? Ajudarão a combater a solidão que campeia pelo mundo e a impessoalidade dos grandes centros urbanos. Cuidarão do forasteiro, da viúva, do órfão, do enfêrmo e do aflito. Cuidarão de tôdas as irmãs com amoroso, dedicado interêsse. Serão tão necessárias como minha avó, quando deixava o aconchêgo do seu lar de pioneiros, em noites de tormenta, viajando longas distâncias de charrete para atender a um pedido de socorro. Como minha mãe, durante a grande depressão, saía a procura dos famintos, assim também elas o farão, ou então como minha professôra visitante, levando uma fôrma de pão caseiro e amor. Ajudarão a minorar o sofrimento físico, emocional e mental. Socorrerão o pecador e confortarão o aflito. Levarão uma mensagem de amor do Evangelho a tôdas as irmãs no mundo, todos os meses. E à medida que seu cuidado cálido, dedicado, envolver com sua trama a terra inteira, tornar-se-ão um exemplo para o mundo.

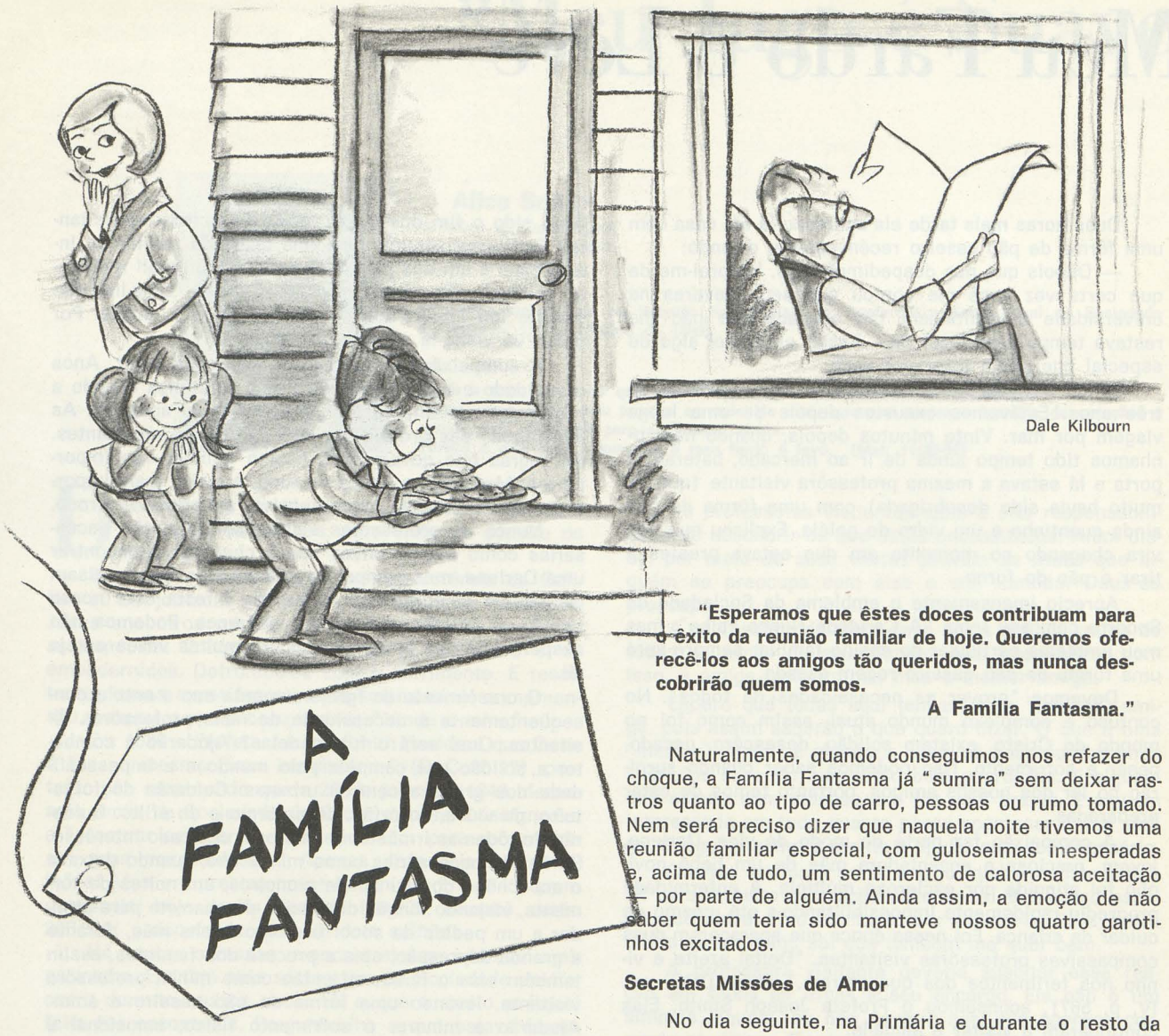
"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

"Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30)

Que Deus abençoe as professôras visitantes, pois quando todos trabalham juntos, o jugo é suave e o fardo é leve.

Se demonstrarmos amor uns pelos outros, todos os homens saberão que somos discípulos do nosso Senhor. Que sempre seja assim, eu oro em nome do nosso amoroso Salvador, Jesus Cristo. Amém.



Dale Kilbourn

A FAMÍLIA FANTASMA

Joanne B. Doxey

Ding, dong!" Os acordes musicais da campainha provocaram uma carreira barulhenta da criançada até a porta da frente naquela quente noite estival. Daví, o mais velho, conseguiu chegar primeiro e abriu impetuosamente a porta. Para deleite geral, havia um prato de doces em precário equilíbrio nos degraus, òbviamente largado às pressas. Seguiu-se uma alarido surprêso e excitado. As crianças leram a mensagem que o acompanhava:

"Esperamos que êstes doces contribuam para o êxito da reunião familiar de hoje. Queremos oferecê-los aos amigos tão queridos, mas nunca descobrirão quem somos.

A Família Fantasma."

Naturalmente, quando conseguimos nos refazer do choque, a Família Fantasma já "sumira" sem deixar rastros quanto ao tipo de carro, pessoas ou rumo tomado. Nem será preciso dizer que naquela noite tivemos uma reunião familiar especial, com guloseimas inesperadas e, acima de tudo, um sentimento de calorosa aceitação — por parte de alguém. Ainda assim, a emoção de não saber quem teria sido manteve nossos quatro garotinhos excitados.

Secretas Missões de Amor

No dia seguinte, na Primária e durante o resto da semana prosseguiram sua tarefa de detetive — interrogando amiguinhos, vizinhos, estabelecendo fatos. No domingo seguinte por ocasião da reunião de testemunhos, outra família mencionou um bôlo colocado junto à porta por um anônimo. Que deleite a surprêsa para a família e alguns convidados do leste! Não levou tempo os membros da ala estavam comparando bilhetes e "acusando-se" mùtuamente como autores dessas secretas mensagens de amor.

Dali por diante muitas famílias começaram a preparar e presentear guloseimas anônimamente pelos mais diversos motivos. Os bilhetes acompanhantes variavam de: "Gostamos de vocês e estamos contentes de pertencerem à nossa ala", a: "Muito obrigado por dedicarem tanto tempo ao Senhor." Outras vêzes o pretexto era um bom discurso ou aula caprichada, ou então como gesto de aprêço pelo contínuo bom exemplo de alguém. Muitos ganharam, muitos deram, muitos ficaram curiosos.

Joanne Bushman Doxey é mãe de oito filhos, líder "em serviço" da Primária da estaca, fazendo um curso de pós-graduação na Universidade Brigham Young. Formada pela Universidade de Utah em 1954, escreveu muitas histórias e canções infantis, além de dedicar-se a serviços na Igreja e organizações cívicas. É casada com David W. Doxey; a família pertence à 8.ª Ala da Estaca Oeste de Monument Park (Utah).

Como o automóvel era o meio de transporte usual entre as casas dos membros (a ala abrangia um bairro bastante grande) êste ocupava um lugar de destaque na nossa lista de indícios. As crianças anotavam mentalmente, às vêzes até por escrito, a marca, modêlo, côr e número dos carros que apareciam no estacionamento da capela. Dessa forma era fácil identificar um carro "fugitivo", mesmo que fôsse só por um pára-lama. Por outro lado, quando chegava a nossa vez de "sumir", era preciso elaborar um verdadeiro plano estratégico. A emoção, excitação e hilaridade que acompanhavam uma tal missão eram bem mais interessantes do que um filme de espionagem na televisão. Ocasionalmente cruzávamos com outras famílias da ala igualmente em "missão secreta", o que aumentava o divertimento.

Mesmo aquêles que não tinham muito para dar, participavam, ampliando assim o conceito primário de que um ato atencioso é o mais importante da bênção do sacrifício. Recordando aquêles gloriosos dias de amor e alegria, e calorosas relações com os amigos, é difícil avaliar a influência benéfica que exerceram sôbre nossos filhos. Puderam sentir a aplicação prática de conceitos aprendidos teòricamente. Foi uma experiência real e vívida, e portanto significativa.

Os Menores Executam as Pequenas Tarefas

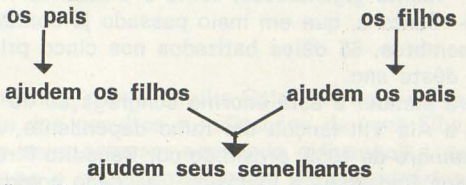
Passaram-se quatro ou cinco anos desde o primeiro caso da "Família Fantasma", mas sempre que é mencionado as crianças ainda se animam e reagem com entusiasmo. Agora, os mais velhos que participaram da experiência, querem planejar e incentivar atividades semelhantes com os menores. Todos sentem-se excitados, sendo que os esforços despendidos são sempre recompensados com um sentimento de felicidade.

Mesmo as crianças em idade pré-escolar sentem satisfação em ajudar executando pequenas tarefas. Podem, por exemplo, ajudar a recortar biscoitos e colocá-los nos tabuleiros para assar; cortar pedaços de fita adesiva para fechar os pacotes; untar as fôrmas de bôlo ou recortar figuras para decorar o papel de embrulho. Essas pequenas tarefas contribuem para incluí-los na experiência familiar. Outra coisa que os pequenos adoram é acompanhar o "corredor" da família designado a colocar o pacote junto à porta de determinada casa. É surpreendente como conseguem correr depressa quando agarrados à mão do irmão mais velho!

Como Opera o Evangelho do Amor

Nosso Pai Celestial quer que o ajudemos. Quer que os pais ensinem aos filhos os conceitos de valor que os ajudam a compreender e viver o Evangelho. Quer que os filhos ajudem os pais participando das atividades familiares. Quer que os pais e os filhos colaborem mùtuamente, a fim de que todos possam sentir e apreciar de que forma opera o Evangelho do amor. Para contar esta história às crianças, um simples diagrama será proveitoso:

O Pai Celestial quer que:



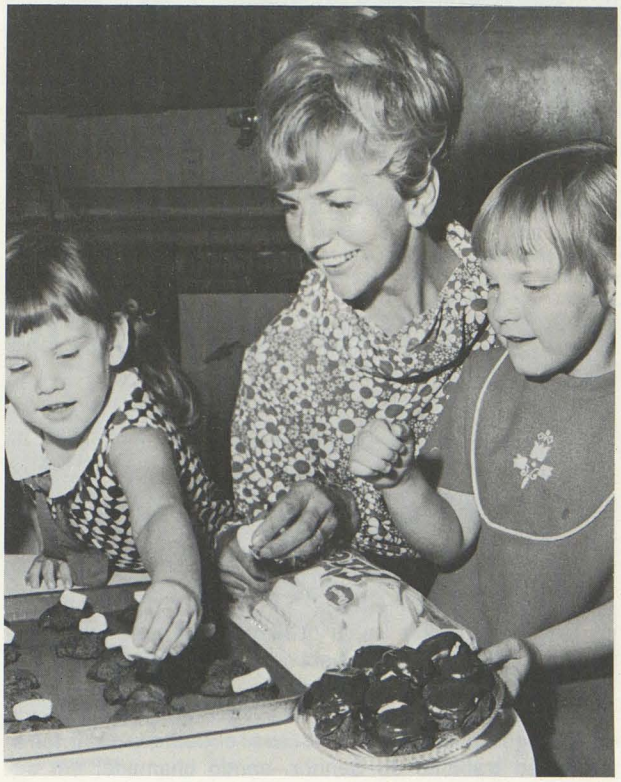
"...Os homens existem, para que tenham alegria." (2 Néfi 2:25)

"...Quando o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40)

Até que as crianças vejam essas verdades do Evangelho em ação e as tenham experimentado em sua própria vida, as Escrituras acima são conceitos abstratos.

Se soubéssemos quem são, gostaríamos de agradecer à primeira "Família Fantasma" aquela valiosa lição.

Cindy Doxey (quatro anos) e Christie (dois anos) aprendem a compartilhar ajudando assar guloseimas para entrega secreta a outras famílias.



"ABRAM ALAS" para

Ala VIII-Santana, ESP

A **Estaca São Paulo** conta com alas verdadeiramente gigantescas, como é o caso da Ala VIII-Santana, que em maio passado já contava com 1090 membros, 65 dêles batizados nos cinco primeiros mêses dêste ano.

Para atender a esta enorme congregação de 453 famílias, a Ala VIII lançou um ramo dependente, Jaçanã, em dezembro de 1969, presidido por Benedito Pires, tendo Wilson Rodrigues e Evilásio F. Macedo como conselheiros e Guido T. Notarnicola como Secretário.

O Bispado da Ala VIII é composto pelo Bispo Mitsuru Kikuchi, 47 anos; Sebastião Ressutti, 35 anos, primeiro conselheiro, membro há seis anos e Francisco C. Motta, 28 anos, segundo conselheiro, membro há um ano.

A Ala VIII foi criada em 24 de novembro de 1968 a partir do Ramo de Santana, que por sua vez surgiu do histórico Ramo do Centro. O Ramo de Santana em 1962 tornou-se sede do Distrito de Tietê, extinto em 1968 e edificou a formosa capela da Rua Padre Donizetti T. de Lima, 28, terminando-a em maio de 1964, quando então foi inaugurada e ao mesmo tempo dedicada, apresentando assim evidência do grande testemunho dos seus membros.

Concentrando forte liderança (um portador do sacerdócio para cada dez membros) e tradicionalmente sede de distrito, a Ala VIII vem se tornando a semente da estaca que futuramente deverá ser criada na zona norte da paulicéia.



Da esq. para a dir.: Francisco C. Motta, 2.º Cons.; Bispo Mitsuru Kikuchi e Sebastião Ressutti, 1.º Cons., ordenam um jovem.



Cláudio J. Ananias leciona o Evangelho para um grupo de membros adultos durante a Escola Dominical da Ala VIII — Santana.

O Bispo Que Veio do Nascente do Sol

O **terremoto** de 1923 arrazou metade da cidade de Tóquio. Kenji e Keijo Kikuchi e seus sete filhos, de uma família japonêsa de origens nobres ligada ao Govêrno Imperial, viram-se diante da inesperada necessidade de emigrarem, optando, entre a Manchúria e o Brasil, por êste último.

O último filho, Mitsuru, a nascer no Japão, em 19 de janeiro de 1923, (mais quatro filhos nasceram à família Kikuchi no Brasil) estava chamado para um grande trabalho no reino de Deus.

Conheceu a Igreja em 1964, vindo a batizar-se em 19 de agôsto dêsse mesmo ano e dedicou-se inteiramente ao trabalho do Senhor, sendo chamado, em sucessão relâmpago, para primeiro assistente da Escola Dominical, secretário de ramo e presidente do extinto Distrito de Tietê, em apenas nove mêses como membro da Igreja.

Com a criação da Ala VIII-Santana, ESP, foi chamado como bispo, tornando-se um líder amado e eficiente, capaz de aliar seus grandes dons espirituais, sua nobre herança cultural e seus talentos de bacharel em administração de emprêsas ao serviço do seu próximo e do seu Deus.

O Bispo Mitsuru Kikuchi, 47 anos, é casado com Ada Kikuchi. O casal tem dois filhos: Valério e Rossana Mari.

"E outra caiu em boa terra e deu fruto; um a cem, outro a sessenta e outro a trinta."
(Mateus 13:9)

Saiu o Semeador a Semear

Aparecido Januário

Se um dos motivos de maior alegria para um ex-missionário é saber que aquêles a quem pregou o Evangelho e batizou durante sua missão, permanecem firmes na fé e ativos na Igreja; imaginem, sua alegria ao saber que uma dessas pessoas tornou-se assunto internacional na Igreja devido à sua intensa atividade!

No caso presente, a causa de tal alegria é a Irmã Elba Espinoza de Galaz, do Ramo de San Miguel, Chile, a quem tive a oportunidade de ensinar o Evangelho e de batizar quando servi como missionário nesse país de 1967 a 1969.

Muito antes de a visitarmos pela primeira vez, Elba já ouvira falar da Igreja. Por época da abertura do Ramo de San Miguel, inimigos da Igreja haviam feito circular falsos rumores a respeito dos mórmons. Por êsse motivo, Elba procurava evitar contato com os missionários. Não obstante, sua filha Ida, então com 20 anos de idade, atendendo aos convites feitos por sua jovem amiga SUD, Tatiana Mendes, comparecia às reuniões, só não podendo filiar-se à Igreja por ser menor e seus pais não haviam consentido no seu batismo, apesar do seu interêsse pelo Evangelho.

Um dia, ao ser diretamente abordada pelos missionários, Elba confessou-lhes que realmente não tinha qualquer interêsse mas, estranhamente, indicou-lhes que a família vizinha, os Mendes, cuja filha já era mórmon, talvez se interessasse. Foi assim que Elba, mesmo fora da Igreja, iniciou sua grande carreira no Evangelho. Algum tempo depois, os pais de Tatiana foram batizados, o mesmo ocorrendo com várias famílias indicadas por Elba.

Quando Ida veio a completar 21 anos, pôde finalmente realizar seu desejo de entrar para a Igreja pelas águas do batismo. Seu pai não pôde estar presente ao serviço batismal, mas para sua mãe, foi algo maravilhoso! "Fiquei realmente muito emocionada," disse ela mais tarde, "senti uma grande sinceridade em tudo o que foi feito". E ao confessá-lo estava simplesmente reconhecendo que fôra tocada pelo Espírito do Senhor. Após o serviço batismal para sua filha, para grande surpresa dos missionários, ela lhes comunicou: "Gostaria muito de receber as lições..."

A 2 de novembro de 1968, Elba E. de Galaz entrou nas águas do batismo, tornando-se, a partir de então, um membro participante e ativo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Após minha transferência para Antofagasta, nos confins do deserto de Atacama, fiquei sabendo por correspondência com a família Galaz Muñoz que em consequência dos convites e indicações da Irmã Elba, vários amigos seus estavam aceitando o Evangelho, sua casa tornara-se o ponto de encontro de missionários e pessoas interessadas em ouvir as novas da restauração.

Quatro mêses mais tarde, quando retornei a Santiago para ser desobrigado da missão, fui convidado a cear em sua casa. Soube então que o número de pessoas a quem os missionários tinham podido chegar por intermédio das referências da Irmã Galaz já se elevava a trezentas, sessenta das quais já se haviam convertido.

Pessoa simples, sempre ocupada com seus afazeres diários de dona de casa, a Irmã Galaz irradia entusiasmo e felicidade. Seu sorriso cativante, personalidade humilde e sinceridade de expressão, a tornaram um valiosíssimo instrumento nas mãos de nosso Pai Celestial para auxiliar no ajuntamento dos seus filhos. Em sua última carta, escrita em abril passado, a Irmã Galaz registrava que o número de batismos realizados com o seu concurso já ultrapassava uma centena.

Sua história tem sido contada no mundo inteiro, como exemplo para todos os santos dos últimos dias interessados em trazer muitas almas ao conhecimento do Evangelho. A Irmã Galaz tem expressado seu grande amor ao próximo, ajudando a conduzí-los ao caminho que os levará ao progresso e ao gôzo eterno.

Aparecido Januário, 25 anos de idade, conheceu a Igreja através de um amigo em Bauru, onde foi batizado em um lago, a 2 de novembro de 1958. Serviu em missão no Chile de 1967 a 1969. Atualmente reparte seu tempo de trabalho entre suas funções burocráticas na Construção Geral no Brasil e seu cargo de professor de inglês do Centro Brasileiro de Ensino Linguístico, de Curitiba.



À esquerda: Aparecido Januário leciona inglês com a ajuda de instrumentos.

MISSÃO BRASIL NORTE EM DESTAQUE

Preparado Para Tôda Boa Obra

Michael D. Knight



Pres. Mário Campanella atende os membros do Ramo do Meier.

Para o Presidente Mário Campanella, do Ramo do Meier, Distrito do Rio de Janeiro da MBN, a pré-ordenação e a inspiração desempenharam um importante papel na sua vida desde há sete anos, quando entrou em contato com a Igreja.

"Êstes dois princípios trouxeram-me à Igreja e desde então têm guiado o meu progresso," disse êle. "Durante o meu período de conversão, que durou três anos, fiz tudo o que era possível fazer para ser indígno da orientação divina. Vivia afastada de Deus e da minha família. Uma das grandes verdades que aprendi desde que me tornei membro foi a de que uma pessoa não é escolhida por aquilo que é, mas por aquilo que possa vir a ser. Sei que o Senhor me escolheu e pré-ordenou para fazer o trabalho que faço agora."

O Pres. Campanella tem levado uma vida feliz e ativa desde que êle, sua espôsa e seus filhos entraram para a Igreja. Além de presidir o Ramo do Meier já por três anos, é comerciante, industrial e dono de duas academias de judô. "Devido às minhas responsabilidades no Ramo, a Igreja ensinou-me como organizar meu tempo e meus esforços."

Seu maior interêsse fora da Igreja é o judô. Detentor da "faixa prêta", ensina em suas academias dois dias por semana. Seu filho, Mário, 13 anos de idade, além de presidir o quorum dos diáconos, já conta com vários anos de instrução e o ajuda ensinando judô aos alunos mais jovens. "Creio que os princípios do Evangelho ajudaram-me também no judô, principalmente a observância da Palavra de Sabedoria," afirma êle, comentando que está em melhor forma hoje do que há quatro anos, quando entrou para a Igreja.

Também sua família é muito ativa no ramo. Sua espôsa é professôra da Escola Dominical, primeira Conselheira da AMMM e professôra visitante da Sociedade de Socorro. Luci, 14 anos, é secretária da Primária.

Seu primeiro contato com a Igreja foi há sete anos, quando os missionários exibiam um filme nas vizinhanças em que morava. "Os missionários convidaram tôdas as famílias da vizinhança e eu me interessei supondo que se tratasse de um filme de 'cowboys'. "Após a exibição, os missionários pediram licença para visitar as famílias presentes para explicar-lhes a mensagem da Igreja. A Irmã Campanella foi a única a aceitar a visita, assim mesmo sem inteiro apôio do marido.

Certa tarde, ao aproximar-se de casa, um vizinho lhe adiantou que os missionários estavam em sua casa. "Lembro-me de que fiquei uma fera. Chamei minha espôsa e disse-lhe que se livrasse dos missionários e lhes dissesse que nunca mais voltassem." Mas sua espôsa fêz justamente o contrário. "Por essa ocasião, minha espôsa e eu discutíamos freqüentemente. A quase que falta de amor e de compreensão que havia entre os membros da família eu tentava compensar com mão forte. Então percebí nas palavras dos missionários algo que me chamava a uma vida melhor e à aceitação das minhas responsabilidades." E o Presidente Campanella acrescenta: "Costumava ensaiar como diria aos missionários que sumissem e nos deixassem em paz. Mas, cada vez que os via, perdia tôda a coragem."

À medida que sua família recebia as lições e freqüentava as reuniões, Mário Campanella podia notar que seu ânimo mudava. Sua espôsa também observou isso. Um dia, quando ouviam um orador, ela disse-lhe, proféticamente, que quando fôsse batizado, tornar-se-ia um grande líder. Diz a Irmã Campanella: "Eu desejava ser batizada com as crianças, mas não podia sequer mencioná-lo ao Mário sem que surgisse uma discussão."

Após terminarem as lições, os missionários partiram e sem o seu concurso, a família deixou de ir à Igreja. Mas as sementes já haviam sido plantadas. "Experimentara uma certa paz e satisfação em ir à Igreja com minha família. Pudera sentir o amor e a felicidade de que gozavam os membros dentro da Igreja." Dois anos depois os Campanella foram batizados. "O que eu mais queria era trazer aquêle amor para o meu lar e torná-lo parte da nossa vida."

Seu testemunho foi obtido mediante muito estudo, oração e serviço. Sua grande alegria como presidente de ramo tem sido ver o rápido progresso da Igreja no Rio de Janeiro. Após a recente divisão do ramo originando o Ramo de Cascadura, êle disse: "É maravilhoso ver como a Igreja cresce e se fortalece pela divisão."

O Testemunho de Moroni

Werner K. Spörl, Jr.

Em fins de 1937, São Paulo era uma calma cidade com pouco mais de um milhão de habitantes. O reino de Deus vinha sendo anunciado em alemão no Sul do País e havia menos de dois anos que os primeiros missionários proclamavam a mensagem na cidade.

Também em alemão realizavam-se as reuniões da Igreja no Ramo de São Paulo, que ocupava uma pequena sala alugada na Praça da Sé. Com o progresso do trabalho, veio a mudança para melhores acomodações na Rua São Bento, passando a seguir para a Praça da República e finalmente para a Rua do Seminário, onde passou a denominar-se Ramo do Centro, após a organização do Ramo de Santo Amaro.

Nesta época, os missionários C. Gail Cragun e Harold M. Rex bateram à porta dos Spörl, uma família de origem alemã, então residente em Santana. Começaram por ensinar-lhes os princípios do Evangelho e convidaram-nos a freqüentarem as aulas de inglês ministradas no bairro vizinho. Werner K. Spörl, o terceiro de quatro irmãos, passou a frequentar assíduamente as aulas, a Reunião Sacramental e a AMM, da qual logo tornou-se conselheiro.

Às aulas de inglês comparecia regularmente a família Jeschke. Werner travou amizade com os Jeschke e sentiu-se atraído por Erna Jeschke, a quem mais tarde viria a desposar.

Ao receber as primeiras lições sôbre o Evangelho, Werner começou a meditar e a orar profundamente sôbre os novos conhecimentos adquiridos. Em consequência, sua fé desenvolveu-se notàvelmente. Certa noite, estando a sós, deitado em seu quarto, após a oração, viu um personagem de aparência jovem, resplandescente em suas vestes brancas, que vinha ao seu encontro suspenso no ar. Werner quedou-se paralizado pelo temor.

Nêsse instante, antes que entrasse em casa um seu irmão que retornava da aula, não mais pôde ver o personagem.

Poucas semanas mais tarde, altas horas da noite, acordou assustado com um estrondo sôbre a sua cabêça. Seu quarto estava iluminado por uma intensa claridade. A princípio supôs que talvez na rua um carro estivesse manobrando com os faróis acesos contra a janela. Escutou atentamente, lá fora reinava absoluto silêncio. Então percebeu que aquela claridade era muito superior à de simples faróis de automóvel. Enquanto Werner assim se admirava, a porta do quarto abriu-se lenta e silenciosamente. Momentos depois surgiu um personagem resplandescente que introduziu a cabeça pela porta entreaberta e pôs-se a fitá-lo fixamente. Imóvel, Werner retribuiu o olhar firmemente, notando que se tratava de uma pessoa de meia idade. Então, recuando lentamente, o personagem fechou a porta sem qualquer ruído e a claridade começou a desfazer-se gradativamente até que o quarto escureceu por completo.

"Essas visões," afirma o Irmão Werner, "aumentaram sobremaneira o meu testemunho. Refleti diàriamente sôbre o acontecido e falei a respeito com os missionários e com o Presidente da Missão Brasileira, na época Rulon S. Howells (1935-38) para saber seu significado. A resposta não me satisfêz e assim, fiquei por diversos anos em dúvida até que pensei comigo mesmo: 'Há quantos anos tenho esta dúvida? Por que não jejuar e orar a Deus, pedindo que me esclareça essas visões?' Assim fiz. Recebi como resposta que elas eram uma prova pessoal de que Joseph Smith, Jr. realmente recebera em seu quarto visitas do anjo Moroni. Essa resposta satisfêz minha dúvida."

Werner K. Spörl e espôsa foram batizados no dia comemorativo do Centenário da chegada dos pioneiros ao vale do Lago Salgado, 24 de julho de 1947, por Johannes A. Alins e, curiosamente, Harold M. Rex, o mesmo missionário que há dez anos procurara sua família e que agora voltava ao Brasil como Presidente da Missão Brasileira (1945-49).

Foi secretário e conselheiro de ramo, vindo a tornar-se presidente em 1950-51. Serviu como conselheiro de Sherman H. Hibbert, que então aqui servia como missionário e era o presidente do ramo em 1955. Foi por muitos anos secretário do Quórum de Élderes da Missão Brasileira. Quando em 1959 organizou-se o ramo de Pinheiros, tornou-se seu primeiro presidente, até 1960, quando foi servir na Missão Brasil Central como secretário e líder do Sacerdócio de Melquisedeque, achando-se, desde maio de 1966 como secretário da Missão Brasil Central.

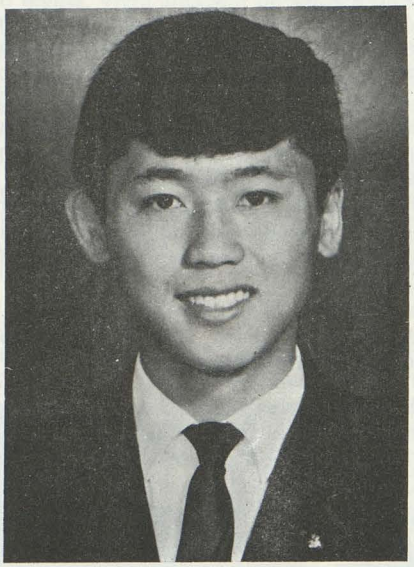
É pai de quatro filhos: Werner, que serviu dois anos na Missão Suíça, Elizabeth, Ruth e Wilson Alberto, herdeiros do seu grande testemunho.



Werner K. Spörl, o personagem desta história registrada por seu filho.

Escola Dominical em Japonês

Werner K. Spörl, Jr.



Élder Masakazu Watabe

É **no Brasil que reside** o maior número de japoneses fora do Japão, concentrados principalmente no Estado de São Paulo. Povo laborioso, de fina sensibilidade intelectual e religiosa, tem sido bastante receptivo às verdades eternas do Evangelho restaurado, vindo muitos dêles, a ocupar posições de liderança e destaque dentro da Igreja. Na Estaca São Paulo, por exemplo, dois dos bispos: Mitsuru Kikuchi e Mituo Ikemoto, são japoneses.

Com o aumento do número de membros japoneses que ainda falam melhor seu próprio idioma, foi organizada na Ala IV-ESP uma Escola Dominical em japonês, congregando cerca de trinta membros de ambas as estacas. Atualmente funcionando na Ala I-ESPL, êste programa tem reativado inúmeros irmãos que não estavam frequentando as reuniões por não compreenderem bem o português. Para os seus descendentes, que falam preferencialmente português, há duas classes em nossa língua, uma para adultos e outra para crianças. Planeja-se para breve a criação de mais uma classe, para investigadores.

A presente organização tem por superintendente o Irmão Iwao Munekata (Toshinari Sudo, titular anterior, acha-se em viagem no exterior), assistido por Paulo Suguinohara, e Yusaku Tsujita, como superintendentes assistentes e Tatsuko Fujii, secretária.

A congregação japonesa tende a aumentar, mòrmente devido ao trabalho dos missionários japoneses. (Ao mesmo tempo em que o Brasil recebe missionários japonêses, tem enviado nisseis para pregarem no Japão). Um dêstes missionários atualmente em destaque é o Élder Masakazu Watabe, nascido em Sendai, Japão, em 1947. Quando seu pai, Masao Watabe, hoje Setenta da Estaca de Tóquio, foi batizado, Masakazu tinha apenas dois anos de idade. Viu dois irmãos seus, Masahisa e Masaji, completarem missão em sua terra natal, seu pai ocupar a presidência do ramo por oito anos e desenvolveu um grande testemunho da Igreja, vindo mais tarde, enquanto estudava na Universidade Brigham Young, a ser chamado a pregar o Evangelho no Brasil.

Uma das suas surpresas no campo missionário foi receber uma referência sôbre a família Sato. Os Sato e os Watabe haviam sido amigos no Japão, antes de os primeiros virem para o Brasil e perderem o contato. No Japão, Masao Watabe os havia convidado à Igreja, sem que tivessem aceitado. Com a visita do Élder Masakazu entretanto, os Sato obtiveram um testemunho do Evangelho, foram batizados e hoje são assíduos e ativos na Igreja.

Outro caso digno de nota é o da Irmã Shizuko Jin que já era membro da Igreja há seis anos e encontrava dificuldades por ser a única mórmon em sua família. Hoje, suas irmãs e as famílias destas são também membros da Igreja, graças a uma oportuna visita dos missionários. Atualmente sua filha, Yukiko Jin, é missionária na Missão Brasileira do Norte.

A Escola Dominical em japonês tem sido, juntamente com o trabalho dos missionários do Sol Nascente, um inestimável instrumento nas mãos do Senhor para a conversão e integração dos nossos irmãos japoneses.



Nívio V. Alcover, sua espôsa Isamar e suas filhas, em sua residência.

Consagrado ao Senhor

Werner K. Spörl, Jr.

O nome de Nívio Varella Alcover está estreitamente ligado ao desenvolvimento da Igreja na Baixada Santista, sua terra natal, onde por duas vêzes foi presidente do ramo de Santos, depois de ocupar nesse ramo quase todos os cargos possíveis, vendo-o tornar-se a atual Ala de Santos - ESPL.

Tinha dezesseis anos quando, pela primeira vez, entrou em contato com os missionários, que lecionavam inglês no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos. Convidado a uma Escola Dominical, nunca mais deixou de frequentá-la. Participava de tôdas as reuniões da Igreja, estudava o Evangelho e orava. Não tardou receber respostas às suas orações, desenvolvendo um grande desejo de filiar-se à Igreja. Foi batizado em 4 de outubro de 1953 por Lawrence J. Darton e confirmado por Richard L. Jones.

Em fevereiro de 1957, quando exercia as funções de conselheiro do Ramo de Santos, foi chamado a cumprir missão no Sul do País, indo anunciar o Evangelho em Curitiba, Pôrto Alegre, Joinville e trabalhar na abertura do Ramo de Santa Maria. Sua abnegação e fé o recomendaram para uma segunda missão, realizada de janeiro a dezembro de 1959.

No interregno das duas vêzes em que ocupou o cargo de Presidente do Ramo de Santos (1959-60, 1966-68), estêve por um mês nos Estados Unidos, onde teve ocasião de passar por vários templos e de viajar pelos diversos lugares de interêsse histórico para a Igreja, visitando no trajeto Harmony, Kirtland, Independence e refazendo, de Nauvoo a Salt Lake City, a trilha dos pioneiros mórmons. Após seu retôrno, foi chamado para conselheiro do Distrito de Santos, cargo que ocupou até novembro de 1966.

Seu matrimônio com Isamar Romeiro do Amaral, foi o primeiro a ser realizado na nova capela de Santos. O casal tem dois filhos: Marina e Stella.

Seu desempenho no campo missionário e em funções de presidência, seu espírito de liderança e o testemunho que obteve do poder da oração, o tornaram um dos mais experientes líderes da Missão Brasil Central, da qual é segundo conselheiro junto ao Presidente Sherman H. Hibbert desde setembro de 1969.

O Interior Desperta

R. Kent Mathews

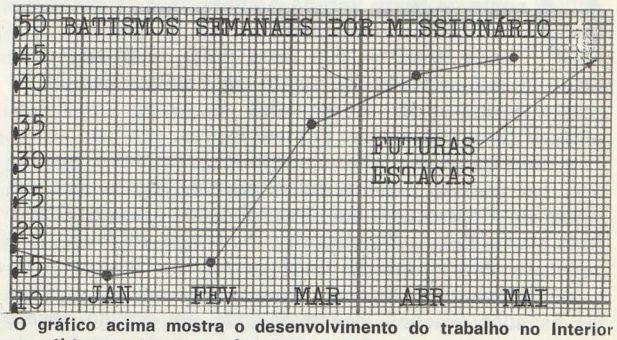
Uma das áreas de mais rápido crescimento da Igreja na Missão Brasil Central é o Interior do Estado de São Paulo. "O interior está se transformando," comentou o Presidente Sherman H. Hibbert numa recente conferência de Missionários. Nos meses recentes, alguns ramos têm batizado mais pessoas do que durante todo o ano de 1969. Após crescer lentamente durante anos, afinal despertaram e os membros estão começando a preparar-se para formar estacas dentro dos próximos três anos.

Nos últimos nove mêses, o Interior do Estado de São Paulo passou de dois a três distritos e todos os ramos estão lutando por um crescimento contínuo que os torne alas das futuras estacas.

Uma das razões para o surgimento dêsse "nôvo" Interior pode ser encontrada na firme liderança dos Presidentes Horácio Saito, do Distrito de Araçatuba; Jalal Samaha, do Distrito de Araraquara e Evaldo Martins, do Distrito de Campinas. Seu entusiasmo tem animado os santos e tem-lhes dado um forte desejo de ajudar seus amigos e parentes a entrarem para a Igreja.

Anos de trabalho foram dedicados à consecussão dêste grande crescimento no Interior. A meta de criar-se estacas nesta região do Brasil está sendo quase alcançada.

Missionários e membros das cidades interioranas do Estado de São Paulo estão desafiando os santos de todo o Brasil a produzirem bons frutos e obras para que muitas estacas possam ser logo criadas, abrindo as portas para o primeiro templo da América Latina, a ser erguido no Brasil.



O gráfico acima mostra o desenvolvimento do trabalho no Interior nos últimos seis meses. É fácil ver como a obra cresce ràpidamente.

A LIAHONA começou a circular em janeiro de 1948 com o nome de

"A GAIVOTA"

se você possui os doze números dessa revista publicados em 1948
e os vinte e quatro números publicados em 1951 e 1952
entre urgentemente em contato conosco
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079
São Paulo, SP

No momento em que a Missão Brasileira passa a denominar-se **Missão Brasil Central,** o grande trabalho de salvação realizado pelo esfôrço conjunto de membros e missionários, mantém o mesmo índice alcançado em abril passado: 305 almas receberam o batismo durante o mês de maio, elevando o total de batismos dêste ano a 1339.

É nesse glorioso trabalho de proselitismo que os membros e missionários têm tido oportunidade de demonstrar seu amor pelo próximo.

A Seara Frutifica

R. Kent Mathews

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	BISPOS/ PRESIDENTES	MISSIONÁRIOS Est./Distr. MAIO	MISSIONÁRIOS Integral MAIO	CONVERSÕES MAIO	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	Wilson S. Netto	2	6	5	36
Ala IV — Pinheiros	Benjamim O. de Almeida	—	4	2	30
Ala V — Pinheiros	Júlio Klappoth	4	4	6	29
Ala VI — Perdizes	Mituo Ikemoto	2	4	5	40
Ala VII — Casa Verde	Giorgios H. Orfanos	—	2	3	13
Ala VIII — Santana	Mitsuru Kikuchi	2	6	6	65
Ala IX — V. Maria	Gentil de Souza	—	4	3	18
Ala X — Penha	José M. Rodrigues Filho	1	8	13	47
Sorocaba	Nelson de Gennaro	6	4	22	66
Jaçanã	Benedito Pires Dias	—	4	3	15
Lapa	Oswaldo S. Camargo	—	2	3	14
Pedreira	Alberto Barbagallo	—	—	—	—
Osasco	João M. de Souza	—	2	4	18
ESTACA SÃO PAULO	**WALTER SPÄT**	**17**	**50**	**75**	**386**
Ala I — Vila Mariana	José G. Galhardo	2	4	9	87
Ala II — B. Saúde	Antônio Andreolli	4	8	10	54
Ala XI — Moóca	Wagner dos Santos	8	10	30	64
Cambuci	Rodamés Sceppa	—	2	2	6
Ipiranga	Mario Lubrani	—	4	10	16
Jabaquara	Ilo M. de Souza	—	—	—	—
Mauá	Victor V. Vespolli	—	—	1	3
Santos	Joaquim Martinez	4	4	14	69
Santo André	Saul M. de Oliveira	4	4	7	60
São Bernardo	Walfrido A. Silveira	2	2	6	15
São Caetano	Antônio J. Padula	2	—	—	7
São Vicente	Armando Jekabson	4	2	5	43
Gonzaga	Mário S. Azevedo	—	2	5	21
ESTACA SÃO PAULO LESTE	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**30**	**47**	**99**	**445**
Campinas I	Geraldo C. Pereira	—	2	4	13
Campinas II	Eduardo C. Nalli	—	2	2	11
Campinas III	Álvaro Cunha	—	2	3	18
Campinas IV	Jesus P. Busto	—	2	20	37
Jundiaí	Francisco Ribeiro	—	2	—	4
Piracicaba	Daniel Jensen	—	2	3	7
Rio Claro	Eric Anderton	—	2	—	6
São José dos Campos	Expedito J. Saraiva	—	2	1	5
DISTRITO DE CAMPINAS	**Evaldo Martins**	—	**16**	**33**	**101**
Araraquara	Geraldo de Mendonça	—	4	1	16
Baurú	Robert Sutton	—	2	6	15
Marília	Craig Hickman	—	2	3	11
Ribeirão Preto	Orivaldo dos Santos	—	4	6	39
DISTRITO DE ARARAQUARA	**Jalal Samaha**	—	**12**	**16**	**81**
Araçatuba	Jair de Oliveira	—	4	20	43
Pres. Prudente	Randall Cox	—	2	—	13
São José do Rio Preto	Oscar de Oliveira	—	4	10	13
DISTRITO DE ARAÇATUBA	**Horácio Saito**	—	**10**	**30**	**69**
Apucarana	José G. Testa	—	2	—	8
Londrina	João Finardi	—	2	—	4
Maringá	Ciro L. da Silva	—	2	1	8
DISTRITO DE LONDRINA	**Günther Salik**	—	**6**	**1**	**20**
Curitiba I	Jorge Aoto	—	6	7	57
Curitiba II	Enos de Castro Deus	—	4	8	58
Curitiba III	Francisco Gomes	—	4	8	27
Curitiba IV	Levy Gaertner	—	2	10	47
Curitiba V	Ismael Cordeiro Jr.	—	2	2	2
Ponta Grossa	Rosaldo Gaertner	—	4	16	46
DISTRITO DE CURITIBA	**Jason Garcia Souza**	—	**22**	**51**	**237**
MISSÃO BRASILEIRA	**SHERMAN H. HIBBERT**	**47**	**158**	**305**	**1339**

"Dois Que Estarão a Par"

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Quando saí de casa para estudar", **disse um filho pensativo," meu pai me disse: 'Não importa o que você pense ou faça, sempre haverá** dois **que estarão a par — você e o Pai de todos nós'" Isto pode não parecer muito atualizado, mas responde certas questões. Mesmo que ninguém no mundo saiba, mesmo que nossa família e amigos ignorem, ainda assim restam** dois **que estão a par. E mesmo que fôsse sòmente** um **— mesmo para os que não admitem a existência de um registro divino, um Deus vivo, e um relacionamento pessoal com êle, ainda assim —** eu **sei —** você **sabe — todo o mundo conhece o que diz respeito a si próprio. Pois bem, quanto as tais questões, ou pelo menos uma delas: Com as pessoas quebrando ou ignorando os mandamentos: desviando-se da moralidade, da virtude, da honestidade; rejeitando padrões e restrições consagradas pelo tempo; fazendo exatamente o que supostamente desejam — ou pelo menos agindo como aparentemente lhes agrada — então, se vivem exatamente como querem viver, por que não são felizes? Por que continuam em íntima disputa consigo mesmos — e com os outros — inquietos, insatisfeitos, sentindo-se ludibriados, consumidos pela auto-reprovação? Elbert Hubbard adiantou uma resposta quando disse: "Os homens são punidos pelos seus pecados, e não por causa dêles." Em certo sentido, tais leis impõem-se a si próprias. O homem é o que é por sua própria natureza. Se viver de certa maneira, conseguirá um resultado. Se viver de maneira oposta, o resultado também será diverso. Não deixa de ser verdade que há muita diversidade de educação e condicionamento das pessoas pelo ensino e ambiente, mas existe algo de básico operando no íntimo, ao corrermos a favor ou contra a luz; e o homem aprimora-se ou embrutece, sente-se tranqüilo ou inquieto, feliz ou infeliz, respeita ou recrimina a si mesmo, conforme a vida que leva. Existe apenas um único caminho para se encontrar paz íntima e auto-respeito, e não é possível atingí-lo contrariando os mandamentos de Deus. Voltando à frase inicial: "Não importa o que você pense ou faça, sempre haverá dois que estarão a par" — e mesmo que houvesse sòmente** um, **ainda assim não vale a pena.**